

GRANDE REPORTAGEM
AÇÚCAR AMARGO: CULTIVO DE CANA-
DE-AÇÚCAR E EXPLORAÇÃO DOS
TRABALHADORES

Bauru
2008

LILIAM MARIA MENEGHETTI

GRANDE REPORTAGEM
AÇÚCAR AMARGO: CULTIVO DE CANA-
DE-AÇÚCAR E EXPLORAÇÃO DOS
TRABALHADORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pró-reitoria Acadêmica da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Dr. Danilo Rothberg e Prof. Ms. Luis Henrique Marques.

Bauru
2008

M541g

Meneghetti, Liliam Maria

Grande reportagem açúcar amargo : cultivo de cana-de-açúcar e exploração dos trabalhadores / Liliam Maria Meneghetti – 2008.
52f.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Rothberg.

Co-orientador: Prof. Ms. Luis Henrique Marques.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) - Universidade Sagrado Coração - Bauru - SP.

1. Cana-de-açúcar. 2. Etanol. 3. Bioeletricidade. 4. Reportagem. 5. Jornalismo econômico. I. Rothberg, Danilo. II. Marques, Luis Henrique. III. Título

LILIAM MARIA MENEGHETTI

**GRANDE REPORTAGEM
AÇÚCAR AMARGO: CULTIVO DE CANA-DE-AÇÚCAR E
EXPLORAÇÃO DOS TRABALHADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pró-reitoria Acadêmica da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Dr. Danilo Rothberg e Prof. Ms. Luís Henrique Marques.

Prof^ª. Dra. Roseane Andrelo
Banca

Prof. Paulo Roberto Soares
Banca

Professor Dr. Danilo Rothberg
Orientador

Professor Ms. Luís Henrique Marques
Orientador

**Bauru
2008**

AGRADECIMENTO

Primeiramente, a Deus pela vida que me destes o direito de desfrutar e pela misericórdia derramada todos os dias, em todos os meus momentos de súplica. Em seguida, à minha família, em especial à minha mãe, que foi a responsável pela conclusão desta jornada. Desde a questão financeira até a paciência depositada em mim. Ao carinho dos demais familiares, da minha irmã, do meu pai, do meu sobrinho, todos que acreditaram na minha vontade de realizar. Especialmente, ao meu noivo Liks, que sempre me incentivou e me apoiou durante o último ano do curso.

Também, à empresa “O Democrático” e “Rádio Cultura Regional AM” em Dois Córregos, onde iniciei minha carreira jornalística. Lugares que me deram as primeiras oportunidades de aprender e demonstrar o que poderia produzir nesta caminhada.

Não posso me esquecer dos orientadores. Primeiramente, o professor Danilo, quem me ajudou a definir o tema e iniciar o longo trabalho. Em seguida, pela boa vontade e compreensão do professor Luís Henrique, que acreditou em mim e mesmo desconhecendo meu trabalho aceitou a continuar a orientação. Que sempre se mostrou solícito às minhas dúvidas e foi extremamente atencioso.

Agradeço também ao carinho recebido de todos os meus amigos durante os cinco anos que permaneci na Universidade. Muito obrigada!

“O meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra. Daquele que me diz:
Não temas filho meu, te tomo pela mão, toco em teu coração, dou-te meu perdão,
e em meus braços encontrará eterna proteção!” (Salmo 121)

RESUMO

O setor sucroalcooleiro é notícia diária nos grandes jornais, devido à produção de açúcar, álcool e bioeletricidade. Expandem-se os quadros verdes da cultura em diversas cidades do interior de São Paulo. Os grandes grupos empresariais, como a Cosan, coordenam as destilarias e usinas da região. A pesquisa, aqui apresentada, “Açúcar Amargo: Cultivo de Cana-de-açúcar e exploração dos trabalhadores” buscou identificar a situação dos trabalhadores migrantes de outros Estados, os valores pagos pelo corte da cana, o lucro dos grupos que administram o setor, as fiscalizações do Ministério Público do Trabalho, a situação dos produtores rurais. Foram apresentados dados sobre o crescimento do setor indicam que os empresários ganham cada vez mais dinheiro com a exploração da cana, enquanto essa riqueza toda não chega aos trabalhadores. A produção de açúcar e álcool, derivada do cultivo da cana-de-açúcar, é a base da economia da cidade de Dois Córregos e de inúmeras cidades da região. Emprega cerca de quatro mil trabalhadores em cada safra, entre naturais do município e migrantes de Estados como Pernambuco e Bahia. O objetivo deste trabalho é produzir uma grande reportagem de forma a caracterizar a realidade econômica e social vivida no município.

Palavras-chave: Cana-de-açúcar, Etanol, Bioeletricidade, Reportagem, Jornalismo Econômico

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Em todo Brasil existem mais de 335 mil cortadores de cana.....	32
Figura 2 - Crescimento da quantidade de cana moída entre os anos de 2002 e 2007.....	35
Figura 3 – Crescimento da quantidade de cana moída entre os anos de 2002 e 2007.....	36
Figura 4 – Crescimento das vendas de etanol.....	36
Figura 5 - Na imagem aérea, a unidade Dois Córregos.....	37
Figura 6 – Demonstrativo da produção de cana, dividido por regiões.....	38
Figura 7 – Preço médio da tonelada praticado nos meses de abril a agosto de 2008.....	39
Figura 8 – Mapa demonstrativo das concentrações de produção de cana-de-açúcar.....	43
Figura 9 – Previsão para a eliminação da queimada da palha de cana no Estado.....	44
Figura 10 – Crescimento da frota de veículos flex no Brasil.....	45
Figura 11 - Porcentagem energética ocupada pelos derivados de cana-de-açúcar.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. JUSTIFICATIVA.....	10
2. OBJETIVOS.....	11
3.MATERIAIS E MÉTODOS.....	12
4. REVISÃO DE LITERATURA	14
5. RESULTADOS: GRANDE REPORTAGEM	30
6 CONCLUSÃO	50
7 REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

A região Centro-Sul do Brasil concentra 86% da produção nacional de açúcar e álcool. Dados da Única (União da Indústria de Cana-de-açúcar) indicam que a cana moída na safra 2008/2009 deverá atingir 498,1 milhões de toneladas, ou seja, um crescimento de 16% em relação à safra 2007/2008, quando foram moídas 431,2 milhões de toneladas.

Nesta safra, 32 novas usinas entram em operação na região centro-sul, sendo treze em São Paulo, dez em Goiás, quatro em Minas Gerais, quatro em Mato Grosso do Sul e uma no Paraná. Conforme informações da Única, desde o ano de 2005, um total de 84 novas usinas entrou em produção. De um total de 169 usinas, 145 delas já aderiram voluntariamente ao Protocolo Agroambiental, assinado no ano passado entre a Única, os fornecedores de cana e o governo do Estado de São Paulo. Este documento prevê o fim da queima e a introdução da colheita mecanizada para 2014 em áreas mecanizáveis e, em 2017, para áreas atualmente não-mecanizáveis.

Dentro dessa realidade, este trabalho configura-se numa grande reportagem sobre o desenvolvimento e a exploração da cultura de cana-de-açúcar. No que diz respeito ao trabalho, buscou-se caracterizar a dependência da economia local no período da safra, a exploração da planta nos últimos oito anos (2000-2008) e a atividade realizada pelos cortadores de cana.

Em Dois Córregos, cenário sócio-econômico que serve de pano de fundo para esta reportagem, existe uma usina sucroalcooleira. Fundada em 1947 com o nome de Usina Santa Adelaide, ainda hoje está em funcionamento, agora, em parceria com o Grupo Cosan S/A. A unidade tem capacidade de moagem de 7,5 mil toneladas/dia de cana-de-açúcar e produz 18,5 mil sacas de açúcar/dia e 220 m³/dia de etanol.

A Santa Adelaide conta com funcionários locais e trabalhadores migrantes, vindos principalmente da região Nordeste. O piso salarial da categoria é de cerca de R\$ 500,00, segundo informações do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dois Córregos. As lavouras de cana-de-açúcar do município e região são alvo de fiscalização do Ministério Público do Trabalho, devido descumprimentos de leis da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e suposto trabalho semi-escravo.

Com esta reportagem, buscou-se retratar a situação econômica atual do município, já que, no ano passado, houve uma queda significativa no comércio da cana-de-açúcar. Diversos produtores rurais abandonaram a produção e passaram a cultivar café ou dedicaram-se à

criação de gado ou suínos. Em contraposição, o Grupo Cosan aumentou seus rendimentos de R\$ 2.478 milhões na safra 2005/2006 para R\$ 3.605 milhões na safra 2006/2007.

A análise da realidade sócio-econômica da cidade de Dois Córregos aponta duas vertentes distintas.

Primeiro: o declínio do preço praticado na tonelada de cana-de-açúcar e a retração do setor. Enquanto o valor da planta chegou a ser praticado em R\$ 65,00 no ano de 2006; neste ano, a tonelada não ultrapassou os R\$ 20,00. Nesse período houve redução de 69% no preço praticado. Especula-se que o monopólio das usinas, em sistema de arrendamento ao Grupo Cosan S/A, tenha definido o valor que a tonelada seria comercializada. Nas usinas, sobra açúcar e álcool nas reservas. Aos produtores, a sobra de cana –ainda em pé- tem sido destinada à alimentação de bovinos ou mesmo, tem sido queimada.

Segundo: a cada novo ano cresce o número de trabalhadores migrantes que procuram no corte de cana, uma alternativa de sustento. São cerca de 4 mil ao ano, vindos – predominantemente - dos estados de Pernambuco, Bahia e Ceará. Em grupos de até 0 pessoas, esses trabalhadores permanecem instalados em alojamentos, locais que, na maior parte das vezes, possuem apenas um ou dois cômodos. Ali, cozinham, lavam roupas e dormem ‘amontoados’. Buscam economizar ao máximo enquanto mantém essa atividade para conseguirem levar algum dinheiro de volta para a terra natal. No entanto, muitos chegam, não conseguem emprego no município e muito menos, dinheiro para voltar. Outros, mesmo trabalhando, ficam por opção. A ‘população flutuante’ não consta em dados oficiais, como no censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ou seja, não ‘existem’ nem aqui, nem lá.

Saúde e educação são os serviços públicos mais onerados com a presença dessa população no município, sem que ela conste em indicadores sociais. Por outro lado, a introdução do maquinário no campo para o corte da cana tem reduzido a utilização de mão-de-obra humana. Com a utilização das colhedadeiras, os trabalhadores são necessários somente em locais onde, por exemplo, a inclinação do terreno seja impecílio para o transitar da máquina. O valor máximo recebido pelos trabalhadores chega em R\$ 570,00, acrescido o piso salarial, as horas extras e toneladas cortadas.

1. JUSTIFICATIVA

O tema desta grande reportagem foi escolhido, primeiramente, pela relevância do setor sucroalcooleiro na região estudada. A economia da cidade de Dois Córregos e de outras vizinhas está ligada diretamente à cultura e exploração da cana-de-açúcar. Portanto, optei por realizar o trabalho de conclusão do curso de Jornalismo abordando um tema economicamente destacado na região.

Entre as etapas propostas estão a investigação da situação econômica atual do município e dos trabalhadores diretamente ligados à exploração de cana-de-açúcar. A produção de açúcar e álcool é a principal fonte de renda e é preciso conhecer mais sobre o cenário, para retratá-lo com mais veracidade.

A economia dos municípios da microrregião dependem quase que exclusivamente da exploração de cana. O setor é destaque em reportagens de jornais de grande circulação, mas somente por apontar seus lucros e grandes produções de açúcar e álcool. A situação dos cortadores e as fiscalizações de irregularidades pelo Ministério Público do Trabalho são noticiadas de maneira irrelevante. Também, a previsão do fim das queimadas para 2014 e a da mecanização nem sempre é destacada pela grande mídia.

A exploração da cana existe há 500 anos, mas nunca esteve tão em destaque. Seja pela questão ambiental, pelo uso de álcool em veículos flex, pela mecanização da colheita ou pela produção de bioeletricidade.

Os dados colhidos durante a elaboração deste trabalho revelam um cenário de exploração dos trabalhadores e o crescimento do setor na produção e exportação de açúcar e álcool. Também é importante ressaltar que as usinas e destilarias instaladas na microrregião são ligadas ao Grupo Cosan S/A. Ou seja, existe monopólio dos exploradores da cultura de cana.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Produzir uma grande reportagem sobre a economia sucroalcooleira na região de Dois Córregos, direcionada a investigar os abusos por parte das empresas que exploram a cultura.

2.2 Objetivos específicos

- a) Caracterizar a dependência da economia local ao cultivo da cana-de-açúcar. Desde a plantação até a venda da produção de açúcar e álcool.
- b) Apresentar as atividades desenvolvidas pelo Ministério Público do Trabalho em relação ao cumprimento da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) aos direitos dos trabalhadores.
- c) Apresentar os efeitos ambientais da queima da palha da cana-de-açúcar e da emissão de gases na atmosfera.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Pesquisa documental e bibliográfica

Para sustentar esse trabalho, foi desenvolvida uma pesquisa documental, principalmente nos sites das empresas e instituições ligadas ao setor sucroalcooleiro. Além disso, o embasamento teórico permitiu a elaboração de idéias que sustentam a relevância atual do tema. Principalmente, os livros sobre jornalismo econômico que proporcionaram conceitos sobre o cenário atual deste estudo.

3.2 Análise dos dados

Nessa fase, foram revistos e organizados os dados levantados a partir do fichamento das leituras arroladas segundo uma hierarquia de importância e conforme o planejamento geral da monografia e da própria reportagem.

3.3 Produção da grande reportagem

A reportagem, que consiste na parte prática deste trabalho, parte da identificação da realidade da empresa sucroalcooleira e dos trabalhadores rurais. Foram analisadas as ações, estrutura empregatícia e relação existente entre os empregadores e empregados. Para tanto, foram realizadas os seguintes procedimentos jornalísticos: pautas e coletas de informações preliminares; entrevistas com responsáveis pela empresa, trabalhadores e órgãos ambientais; reportagem sobre o tema.

- Pesquisas prévias, com levantamento de dados sobre o assunto da reportagem.
- Elaboração das pautas para as entrevistas.
- Entrevistas (por e-mail, por telefone e pessoalmente).
- Decupagem das fitas com as entrevistas gravadas.
- Análise das informações e dados coletados.
- Redação.
- Edição do material coletado.

Algumas observações são necessárias:

- O texto da reportagem foi produzido em etapas ao longo da preparação do trabalho de conclusão de curso, cobre um período de coleta de dados e entrevistas de aproximadamente um semestre (entre agosto e novembro de 2008).

- Foi utilizada linguagem simples, informativa, utilizada no cotidiano do dia-a-dia. Retratado em terceira pessoa, como nas matérias jornalísticas. O texto traz diversas informações sobre as empresas envolvidas, o Ministério Público, as entidades do setor sucroalcooleiro e dos trabalhadores rurais. A estrutura segue o estilo jornal impresso.

4. REVISÃO DA LITERATURA

O cultivo da cana-de-açúcar é a principal atividade econômica do município de Dois Córregos. Emprega funcionários naturais do município e migrantes da região Nordeste, principalmente dos Estados de Pernambuco e Bahia. São cerca de quatro mil pessoas que buscam oportunidade de trabalho a cada safra da cana. Esse aumento da população onera o sistema público: na educação, na saúde, na assistência social e eleva índices de violência.

Segundo o Lupa (Levantamento de Unidade de Produção Agrícola), realizado pela Casa da Agricultura em 2008, é possível apontar o crescimento da área de cultivo da cana. Em 2003, dos 632,6 quilômetros que compõem a área total do município, 28 mil hectares eram destinados para a plantação de cana. Ou seja, a área destinada ao cultivo da planta soma 21% do município. Já em 2007, esse número subiu para 34 mil hectares. O aumento na área cultivada se deu com mais intensidade entre os anos de 2005 e 2006, diminuindo em 2007 com a queda no preço da tonelada.

A safra 2008/2009 foi antecipada na maioria das usinas que utilizam a mão-de-obra dos trabalhadores residentes no município. A justificativa das empresas é que ‘sobrou’ muita cana da safra do ano passado.

O trabalho trata-se de reportagem investigativa que demonstra a situação dos trabalhadores da lavoura e o lucro obtido pelos empresários do setor sucroalcooleiro.

Fundamentação Teórica

Investigar a fundo um assunto, apurando diversas fontes e buscando o maior número possível de informações. Essa é uma das definições de reportagem. No jornalismo atual, é pouco praticada devido à falta de tempo do jornalista e pela agilidade das redações de impressos diários. Uma grande reportagem é resultado do trabalho de investigação de um profissional, durante determinado espaço de tempo.

Busca identificar uma questão relevante, do ponto de vista do jornalista, e que possa resultar em um trabalho científico, como uma monografia ou ainda, um livro-reportagem. Baseia-se na busca de personagens, situações, dados, previsões que compõem o cenário a ser estudado. A grande reportagem amplia o trabalho da imprensa cotidiana, dando espaço para assuntos tratados de forma pouco relevante pelos jornais, pelas revistas e emissoras de rádio e

televisão. Pode ainda, penetrar em campos superficialmente tratados, recuperando assuntos e trazendo novos elementos ao leitor.

É exatamente essa peculiaridade –de avançar as fronteiras do jornalismo para além dos limites convencionais que ele próprio se impõe– que transforma o livro-reportagem num produto cultural fascinante. Mais que simples repetidor de padrões e formas de praticar a comunicação jornalística com o público, esse veículo renova e dinamiza, principalmente, quando trabalha com todo o seu arsenal de possibilidades, a grande reportagem. Irreverente e rompedor de fórmulas e chavões em alguns casos, o livro-reportagem exerce função recicladora da prática jornalística, porque ousa incorporar contribuições conceituais e técnicas provenientes de áreas como a literatura e a história (LIMA, 1998 p. 7-8).

A grande reportagem vai comunicar idéias, acontecimentos, experiências, emoções, ensinamentos, enfim, causar a comunhão com o leitor. Diferentemente do jornalismo contemporâneo feito para informar as pessoas, com agilidade no relato das notícias factuais. As duas esferas do jornalismo tratam de informações de interesse público, de forma a publicar o que está acontecendo, com quem, onde e quando, para que o próprio leitor tire suas conclusões.

A notícia torna-se, então, o instrumento básico para o relato jornalístico. Para os temas de abordagem mais ampla, existe a grande reportagem. Seu texto procura informar e aprofundar um tema. “Mas se propõe a fazer isso de uma forma gostosa, envolvente, tentando satisfazer a um público de perfil variado” (LIMA, *Ibid*, p. 11).

O autor explica que a grande reportagem visa oferecer uma mensagem de linguagem mais solta e dá tratamento diferenciado, com mais profundidade aos acontecimentos. A maior parte da produção jornalística é feita de forma industrializada, uma produção em massa. “Já que no trabalho das redações, os jornalistas precisam cobrir várias áreas diferentes de atividade social, com a maior velocidade possível e dentro de padrões rígidos que simplificam a coleta de informações e uniformizam a forma como se elaboram as mensagens. Tudo visando atingir o maior número possível de leitores, espectadores, ouvintes” (LIMA, 1998 p. 12)

Dessa forma, a grande maioria dos assuntos é tratada de forma simplificada. Ou seja, são feitos pela quantidade e não pela qualidade. Para que a próxima edição possa ter grande número de notícias, não de informações. Diminui o espaço para a produção da reportagem e, mais ainda, para a grande reportagem. A alternativa para muitos jornalistas que se sentem

‘amarrados’ pelo sistema em que trabalham é produzir trabalhos paralelos, que podem resultar na elaboração de um livro.

Convencionalmente, o jornalismo em princípio comunica fatos. O relato dos fatos que têm repercussão pública também implica a identificação das pessoas que participam dos acontecimentos, a localização das ações sobre as quais o relato se debruça, a circunscrição temporal do momento das ocorrências – mas sempre amarrada a uma preocupação com a atualidade - e a indicação da maneira como se desenrolaram os eventos. Em muitos casos, o relato avança para tentar explicar a causa – ou as causas – da ocorrência localizada em cada mensagem jornalística: às vezes ousa sugerir os desdobramentos futuros, as conseqüências dos acontecimentos (LIMA, *Ibid*, p. 10).

Segundo o autor, o livro reportagem pode escapar de um dos maiores estigmas do jornalismo: a atualidade. Qualquer tema que seja escolhido terá que ser investigado, questionado pelo profissional. Será necessário buscar na história recente, fatores sociais, ambientais, humanos e econômicos que direcionaram a situação para como ela está atualmente. A grande reportagem tem elementos essenciais que faltam nos meios impressos convencionais, tais como a emoção dos personagens, o relato das fontes, a intensidade psicológica das tensões, os bastidores dos assuntos em questão. O autor relata: “Faltou-lhes, principalmente, a capacidade de transcender puramente os fatos e encontrar os liames de ligações entre eles. Faltou-lhes afastarem-se do reducionismo míope da atualidade e do aspecto vesgamente mecanicista dos acontecimentos, para encontrar um contexto completo de explicações” (LIMA, *Ibid*, p. 15).

A apuração dos fatos foge da simples limitações de que tudo tem uma noção linear de causa e efeito. O autor cita que os fatos reinam, mas não aparecem os fatores que antecedem e condicionam os fatos. A grande reportagem estende o papel do jornalismo contemporâneo, avança as explicações para além do terreno onde estaciona as reportagens impressas, eletrônicas ou radiofônicas. Busca uma abordagem contextual e dinâmica da realidade que está sendo analisada. Dessa forma, contribui para que o leitor conquiste uma compreensão da realidade, ao invés de ficar limitado aos fatos isolados que são publicados diariamente nos veículos jornalísticos.

Para atingir seu objetivo de ampliar a leitura da realidade contemporânea, a grande reportagem utiliza todos os recursos operativos próprios da prática jornalística, levando-os ao ponto

máximo de suas possibilidades. Quando esses recursos são insuficientes, transcende os limites convencionais do jornalismo, indo beber noutras fontes o néctar do indispensável para oferecer um serviço de alta qualidade. Por isso, a grande reportagem apresenta características que na essência são iguais às que você está acostumado a encontrar em toda mensagem jornalística, mas ao mesmo tempo reveste-se de aspectos muito específicos. Essa especificidade concede-lhe um “jeitão”, um modo todo particular de fazer jornalismo (LIMA, 1998 p. 18).

Duas características que podem ser destacadas, que rompem com as redações convencionais, são: a atualidade e a periodicidade. Assim, esse veículo torna-se um trabalho do autor, ganha liberdade para ser confeccionado. Em busca da agilidade de produção de notícias, o jornalismo trouxe para sua rotina a simplificação. Resultando em duas pragas nocivas, como denomina o autor, para o leitor que tem uma visão limitada do real. A primeira praga é a construção da mensagem por meio de uma fórmula reduzida: o que, quem, quando, como, onde e por que. A segunda praga, apontada por Lima, é a legitimação de certas fontes – pessoas, figuras públicas, especialistas e documentos- como as únicas e verdadeiras fontes de informação.

A fórmula tende a colocar em primeiro plano os acontecimentos importantes de cada acontecimento. Com essa abordagem, perdem-se muitas vezes componentes sutis e subjacentes que são, em certas circunstâncias, extremamente relevantes para se compreender o real em sua totalidade material e física –no nível das ações-, de um lado, de um lado totalidade subjetiva –no nível do significado psicológico e da ressonância emocional-, de outro (LIMA, *ibid*, p. 22).

O autor ressalta que, dessa forma, a imprensa acaba colocando em evidência sua incapacidade de ler a essência das coisas, que permanece inatingível porque todo o procedimento do jornalismo industrial moderno conduz a uma leitura das aparências apenas. Já, por meio da grande reportagem, o leitor terá acesso a um mergulho para perceber e captar toda a riqueza material e sutil do oceano em torno.

Quando se trata do conteúdo, a grande reportagem trata de temas que correspondem ao real. Elementos como a veracidade e a verossimilhança são fundamentais no texto. Porém, o real passa a ser compreendido tanto no plano da ocorrência social quanto no plano de uma

situação mais ou menos duradoura, de uma questão ou de uma idéia vigente, refletindo um estado de coisas, nem sempre correspondendo necessariamente a um acontecimento central.

A grande reportagem compreende a mesma linguagem, montagem do texto e edição, que é aplicada às mensagens jornalísticas. Sua função básica é comunicar –ou seja, estabelecer um elo com o leitor-, com clareza e aceitação social. Faz uma leitura sistêmica da realidade, já que considera tudo como parte de um conjunto interligado onde dinâmicas interações acontecem, mostrando que a realidade é múltipla, multidimensional.

Diferencia-se também por não ficar presa aos assuntos tratados nos jornais periódicos. A grande reportagem tem *liberdade temática* para abordar uma infinidade de temas de interesse, sem a necessidade de estar presa ao factual. A *liberdade de fontes* enriquece o texto, utilizando personagens que não são freqüentemente mostrados nas reportagens. A *liberdade temporal* isenta o repórter do compromisso com a atualidade, podendo, assim, trabalhar de modo mais amplo. A *liberdade do eixo de abordagem* direciona o trabalho para as situações e questões que contextualizam os fatos. E por último, a *liberdade de propósito* pode servir de referencial para o leitor, ajudando-o a compreender a complexidade da realidade.

Durante a captação das informações, o profissional dispõe de mais tempo para apurar dados e consultar fontes, para definir o que será utilizado no texto final. Um dos recursos utilizados é a entrevista, a essência do jornalismo. O contato direto com a fonte de informação, ao vivo.

Os fatos podem ser entendidos sob o paradigma de que todas as coisas são relacionadas entre si, que tudo é dinâmico, que tudo deve ser compreendido integralmente, contextualmente. A grande reportagem também pode incorporar os métodos de captação desenvolvidos pelas ciências sociais, os elaborados por profissionais que estejam preocupados em tornar seu instrumento de trabalho rejuvenescido para os novos tempos.

“Jornalismo não é uma ciência exata”, cita Kotscho (2003, p. 8). O único objetivo da análise é que esta sirva para que o leitor possa tirar suas próprias conclusões sobre o assunto abordado: tem o direito de saber o que pensa quem está escrevendo e principalmente, para quem este trabalha.

A maneira de trabalhar de cada jornalista, utilizando de precisão na apuração dos fatos, veracidade e ética contribui no resultado. Além de ser satisfatória a leitura, a história terá elementos diferenciados dos demais veículos concorrentes. Garimpar e conservar boas fontes, manter as ‘antenas’ ligadas dia e noite, esteja onde estiver e procurar sair à rua para a apuração dos dados. As entrevistas feitas cara a cara, ao vivo, olho no olho, ganham disparado na possibilidade de ter melhor resultado do que as feitas por telefone, ou mesmo por e-mail. A

abordagem dos personagens costuma ser diferenciada, enriquecida por emoções que escaparam dos entrevistados.

O autor ressalta que a matéria é uma descrição do que o repórter encontra durante a apuração dos fatos. “Vai descrevendo o que encontramos pela frente e, no final, um fato inesperado permitiu dar um toque mais pessoal no relato. O objetivo dessas matérias é fazer com que o leitor viaje junto, o repórter cumprindo sua função primeira: colocar-se no lugar de pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo” (KOTSCHO, 2003, p. 16).

Mas será que o leitor não tem direito também de, entre uma e outra desgraça, encontrar uma boa história, conhecer a vida de uma figura que não é político nem empresário, e que precisa de tempo para ser contada? Aliás, se o leitor fosse mais ouvido, tenho certeza que a noção do que é importante mudaria um pouco nos nossos jornais. Cabe ao repórter, também, ser muitas vezes o porta-voz deste ser misterioso e invisível, pois é ele quem está em contato direto com as pessoas na rua e tem mais condições de saber o que está interessando naquele momento (Kotscho, 2003 p. 18).

A proximidade do repórter e de uma realidade a ser analisada pode contribuir no enriquecimento da maneira com o a reportagem será tratada, acrescentando além de personagens, observações ou demais informações relevantes. “Com o tempo, a gente vai descobrindo que a essência do trabalho do repórter é a mesma, tanto para cobrir um acidente de trânsito na esquina do jornal, quanto a morte de um papa ou uma grande tragédia, seja lá onde for: contar tudo o que aconteceu, não parando de garimpar a informação enquanto ele próprio não estiver absolutamente seguro sobre todos os fatos que colocará no papel” (KOTSCHO, *Ibid*, p. 25).

Na análise realizada, trata-se de um assunto ‘frio’, que não tem urgência de ser publicado, já que exige um levantamento de informações maior do que em relação às matérias ‘quentes’, publicadas no dia-a-dia. Contar o drama em que vivem os trabalhadores rurais podem não ajudá-los, pelo contrário, a publicação pode prejudicar ainda mais esses que são vítimas de injustiça social.

Segundo Lage (2002, p. 138), o jornalismo investigativo é geralmente definido como forma extremada de reportagem. Trata-se de dedicar tempo e esforço ao levantamento de um tema pela qual o repórter, em geral, se apaixona.

A responsabilidade de quem parte para uma grande reportagem é também muito grande para o profissional. É um momento em que você não pode errar, não tem o direito do fracasso. A única maneira de diminuir os riscos é se calçar bem, antes: ler no arquivo do jornal tudo o que já se publicou sobre o tema, não só para se informar sobre ele, mas para não repetir uma história já contada. Depois, é montar com muita calma um roteiro. Saber direito quem você deve procurar de cada ponto desse roteiro, quais são os personagens, situações e lugares mais ricos – o que vier a mais, de imprevisto, é lucro (KOTSCHO, 2003, p. 72).

A grande reportagem retrata o que acontece por aí diariamente, mas que, muitas vezes, não ganha destaque em nenhum veículo de comunicação. Tratando-se de realidade sócio-econômica, o estudo a respeito proporciona informações para compreender o funcionamento de todo um sistema econômico.

Kotscho (*Ibid*, p. 72) resume o trabalho dos repórteres a necessidade de apuração dos fatos. Já, que dificilmente o próprio jornalista está presente na ação, ele acaba por relatar versões do que aconteceu.

Com o tempo, a gente vai descobrindo que a essência do trabalho do repórter é a mesma, tanto para cobrir um acidente de trânsito na esquina do jornal, quanto a morte de um papa ou uma grande tragédia, seja lá onde for: contar tudo o que aconteceu, não parando de garimpar a informação enquanto ele próprio não estiver absolutamente seguro sobre todos os fatos que colocará no papel. (KOTSCHO, 2003 p. 72)

O jornalista possui uma espécie de mandato implícito para que saia sempre, corajosa e responsabilmente em busca da verdade”, ressalta Basili (2002, p. 172-173).

Trabalha em busca da melhor versão da verdade, já que a verdade inteira é inatingível. E acrescenta a essência do ofício de repórter no “possível de se obter”. Dimenstein e Kotscho (1990, p. 11) afirmam que para se executar essa melhor versão, “exige-se muito mais transpiração do que inspiração”.

“O jornalista que perdeu a curiosidade e não tem a humildade de se admitir capaz de levar uma rasteira do imprevisível, é uma presa fácil na guerra da afirmação”, argumentam Dimenstein e Kotscho (*Ibid*, p. 58). Checar as informações já obtidas e cruzar como que foi dito por outras fontes é um métodos mais eficazes para ser o mais preciso possível. Assim, conforme Dimenstein e Kotscho (*Ibid*, p. 58):

O hábito de apurar, investigar, buscar fatos novos, não se conformar com a primeira versão, checar, sempre checar, é o que faz um bom repórter. Por isso não faz sentido falar de um gênero chamado 'jornalismo investigativo' – é da própria natureza do jornalismo ser necessariamente investigativo. Apuração e investigação, na verdade, são uma coisa só. Se assim não for, temos um jornalismo pobre, declaratório, burocrático, limitado, conformado, sem vida, sem emoção, que não consegue atrair leitura.

Lima (1995, p. 15) ressalta que a grande reportagem se configura como parte do mundo do jornalismo, mas possui sua própria autonomia que, desta forma, possibilita experimentações impraticáveis nas redações convencionais. Esse texto exerce um papel extensor do jornalismo impresso diário. “Desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e idéias de relevância social, abrangendo uma variedade temática expressiva”.

O autor cita a América do Norte e os países da Europa Ocidental – Inglaterra, França, Alemanha e Espanha - como grandes produtores de livro-reportagem. Exemplos dessas produções são: “The Kingdom: Arabia & the house of Sa’Ud”, de Robert Lacey que fala da Arábia Saudita e sua liderança no mundo produtor de petróleo; “Assault at Mogadishu”, de Peter Koch e Kai Hermann, relata um dramático sequestro de avião comercial; “The Last spike”, de Pierre Berton retrata a construção da principal ferrovia canadense e sua relevância para os dias atuais e “Esta noite a liberdade”, de Dominique Lapierre e Larry Collins que conta a história da independência da Índia. No mercado latino-americano, Lima cita duas obras: “Los Mares de México: crônicas de la tercera frontera”, de David Martín del Campo, que parte em busca da redescoberta de realidades do México, e “El Karina”, de Germán Castro Caicedo, que retrata episódios controversos da guerrilha colombiana.

“Olga”, de Fernando Morais; “Xingu: uma flecha no coração”, de Washington Novaes; “Conversas com Vargas Llosa”, de Ricardo Setti; “1968 - O ano que não terminou: a aventura de uma geração”, de Zuenir Ventura são indicados como quatro obras nacionais de livro-reportagem. Todas essas publicações citadas surgiram a partir de investigação jornalística para produção de grande reportagem.

É inegável que essa modalidade de veiculação da grande reportagem faz parte do já vasto panorama em que se apresenta o jornalismo moderno, diversificado em suas múltiplas faces. O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da

atualidade praticada pelos canais cotidianos de informação jornalística (LIMA, 1995, p. 16).

Como produto de comunicação de massa, o jornalismo exerce a função aparente de informar, explicar e orientar. “As funções subjacentes são muitas, variadas, incluindo-se no rol a função econômica, a ideológica, a educativa, a social e outras” (LIMA, *Ibid*, p. 20)

“O jornalismo serve ao propósito de informar e orientar sobre fatos da atualidade, mantendo um vínculo e contato periódico com a audiência, que é dispersa geográfica e socialmente, tratando de temas que dizem respeito aos mais variados campos do saber humano” (LIMA, 1995, p. 21). Porém, o leitor torna-se receptor do que é emitido pela Indústria Cultural.

Ao invés de ter a escolha sobre o conteúdo que deseja acesso, o indivíduo transita pelo que é produzido, buscando suas preferências. “O fantasma do Grande Irmão que George Orwell materializaria na década de 1940, com seu “1984”, parecia incorporar-se antecipadamente às preocupações desses teóricos [da Escola de Frankfurt], que viam o receptor como mera vítima dos produtos gerados pela indústria cultural” (LIMA, *IBID*, p. 22).

Entendemos a reportagem como a ampliação da notícia, a horizontalização do relato – no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes – e também sua verticalização – no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis -, o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ou tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores (LIMA, 1995, p. 28-29).

Na grande-reportagem, a base para o livro-reportagem, encontramos uma extensão do tempo presente, de forma diferenciada à dos periódicos, mesmo tratando elementos de universalidade, já que a temática é tão abrangente quanto nos jornais e revistas e também, no conceito de atualidade, que é mais elástico do que o que segue as publicações periódicas.

“Sob este raciocínio, é fácil compreender que o livro-reportagem, agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana”, (LIMA, *Ibid*, p. 33). O que é abordado na grande reportagem é

extensivo, formado por dados, números, informações, detalhes que ampliam quantitativamente a taxa de conhecimento do tema. O detalhamento enriquece a narrativa diferentemente das informações publicadas de forma superficial nos veículos cotidianos. Também facilita a real compreensão do tema e o contexto social que está inserido.

“Então, se cabe ao jornalismo informar e orientar, cabe a seu sub-sistema, o livro-reportagem, informar e orientar com profundidade, transformando-se este último papel num instrumento complementar e extensor dessa função declarada, individualizadora, do jornalismo”, (LIMA, 1995, p. 37) Agindo assim, quando a grande reportagem é transformada em livro, essa prolonga o ciclo de existência dos acontecimentos, ao partir dos temas conhecidos pelo público e que são veiculados na imprensa cotidiana: em jornal, revista, televisão e rádio. O trabalho tem, portanto, um papel de reatualização dos temas abordados.

Assim, permite ao leitor resgatar as origens do que ocorre, seu contorno do presente, as tendências possíveis do seu desfecho no futuro. Facilita a identificação das forças em conflito que poderão determinar o desfecho. Faz com o leitor acompanhe, com maior profundidade de conhecimento, uma ocorrência de maior magnitude que esteja em progresso (LIMA, *Ibid*, p. 48).

Pauta, captação, redação e edição. Essas quatro etapas para elaboração da reportagem, que não evidenciadas na imprensa regular, são trabalhadas no texto da grande reportagem. “Pois são exatamente essas limitações, ou as inadequações do jornalismo periódico, os fatores que abrem espaço para o livro, do qual a primeira marca característica, muitas vezes, é a liberdade do autor, permitindo ao jornalista fugir aos ditames convencionais que restringem sua tarefa de construtor de mensagens na imprensa cotidiana” (LIMA, *Ibid*, p. 56).

No desenvolvimento do texto, o repórter dispõe de mais tempo do que na pauta convencional, de qualquer outro tipo de jornalismo. Dessa forma, o profissional consegue apurar melhor os dados: buscando diversas fontes de informação, trabalhando no contexto do que é estudado e entrevistando fontes. A entrevista no trabalho diário acaba sendo feita de forma superficial, já que o repórter deixa de lado o contato com o entrevistado olho no olho. Devido à correria do dia-a-dia e à necessidade de informações apuradas com agilidade, as entrevistas costumam ser feitas via telefone ou e-mail, deixando-se para casos mais especiais ou para matérias para elaboradas, a entrevista ao vivo.

Como um dos importantes instrumentos de captação, a entrevista jornalística começa a sofrer críticas, no meio acadêmico, voltadas à

reflexão sobre seus métodos e à indicação de rumos possíveis que conduzam a um efetivo processo de compreensão do real. Porque esta compreensão pressupõe, no seu aspecto de humanização, um diálogo interativo entre entrevistador e entrevistado. Ou seja, uma interação humana entre o receptor e o personagem dos acontecimentos e das situações, intermediada pelo jornalista, que naquela circunstância do diálogo é representante do público, um embaixador da audiência. Seu papel, quando bem-sucedido, é o de tanto criar identificação e projeção quanto o de estabelecer um distanciamento crítico consciente, vívido. Em outras palavras, sua missão é estimular, criar um clima autêntico de conexão entre entrevistado e receptor. É auxiliar a compreensão real, mas também colocar a dose adequada de emoção, sem a qual nenhum ato comunica na dimensão humana o que o jornalismo pretende (LIMA, 1995, p. 74).

A entrevista é caracterizada pelo autor como plurólogo, isso porque dessa forma elas podem ser agrupadas em duas tendências: a de espetacularização e a de compreensão. Na primeira, o entrevistado é visto sempre como uma caricatura das possibilidades humanas. O autor divide em quatro subgêneros: o perfil do pitoresco, de figuras olímpicas, no nível da caricatura humana, salientando traços sensacionalistas; o perfil do inusitado, que traz à tona, mesmo que algo forçadamente, aspectos exóticos do entrevistado; o perfil da condenação, ordenado de forma a julgar aprioristicamente o entrevistado, colocando-o de maneira simplista na posição de réu ou vilão; o perfil da ironia, intelectualizada, cuja finalidade é também realizar um julgamento aprioristicamente condenatório do entrevistado, só que, dessa vez, trabalhando num nível superior de sutileza.

Na segunda, pela busca do aprofundamento das informações. Dessa forma, são divididas em cinco subgêneros: a entrevista conceitual, em que o repórter busca conceitos, versando sobre diferentes temas, nos especialistas de cada área; a entrevista/enquete, na qual um único tema é privilegiado através de uma pauta ou de questionários básicos aplicados a fontes selecionadas aleatoriamente; a entrevista investigativa, apoiada na coleta de informações em *off* e em *on* e que está a serviço de matérias investigativas, de denúncia; a confrontação-polemização, materializada em forma de debate, mesa-redonda, painel, simpósio ou seminário, em que fontes antagônicas ou divergentes são simultaneamente entrevistadas; o perfil humanizado, que se caracteriza pela abertura e proposta de compreensão ampla do entrevistado em vários aspectos, do histórico de vida ao comportamento, dos valores aos conceitos.

Além das informações passadas pelo entrevistado, é necessário que o repórter consiga observar atitudes, gestos e o contexto que isso tudo está inserido. Nesse momento, o essencial

é a observação do profissional. Isso exige sensibilidade do repórter em observar o que não é dito, mas sim somente demonstrado. Sentir, olhar, perceber, emocionar, utilizar o potencial sensorial do corpo é uma das necessidades básicas para um texto que contextualiza o ambiente e o personagem.

Consistia no registro dos gestos cotidianos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de móveis, vestuário, decoração, estilos de viagem, comida, de cuidar da casa, modos de comportamento para com os filhos, os empregados, os superiores, os inferiores, os colegas, mais os vários olhares, poses, relances, estilos de caminhar e outros detalhes simbólicos que pudessem existir numa cena. Simbólicos de quê? Simbólicos, no geral, do status de vida das pessoas, entendendo este termo no mais amplo senso do comportamento e das poses pelas quais as pessoas expressam sua posição no mundo ou o que elas pensam que seja essa posição ou o que gostaria que fosse. O registro de tais detalhes não é um mero ornamento em prosa (LIMA, 2005, p. 97).

Essas observações tornam o texto um resgate de riquezas psicológicas e sociais, sendo aplicado no livro-reportagem. O narrador ultrapassa o limite seco da informação objetiva, sem adjetivação e direta, como é praticada no jornalismo diário.

O autor ressalta que é no texto-reportagem que a documentação auxilia na fundamentação do tema de que é estudado, “focalizando mais a situação e a questão, do que o fato ou o acontecimento isolado, ganha vigor e poder de sustentação” (Lima, *Ibid*, p. 100) Esse texto escapa do corriqueiro no jornalismo impresso, que está preso à informação pura e simples.

Ao articular um livro-reportagem, o autor inicia um jogo implícito com seu leitor. O jogo consiste em captar o leitor, atraí-lo do seu mundo mental e emocional, cativá-lo para abstrair-se – no momento da leitura ou nos momentos dos diversos segmentos que constituem a leitura de uma obra escrita – desse mundo, em alguma medida, para um mergulho no universo, particularmente contido, representativamente, no livro (LIMA, *Ibid*, p. 110).

Ao final do trabalho de coleta de informações, entra a habilidade do profissional para ‘costurar’ o texto, de forma a mantê-lo intrigante e eficiente, de forma que toda a história possa ter um sentido lógico, explicativo e que trate de informações relevantes do conflito que é estudado.

Os segmentos que formam uma narrativa extensa, como a de um livro-reportagem, requerem um hábil tratamento de montagem, de estruturação e ordenação do conjunto de ações, ambientes, personagens, discussões, questões, de modo a haver, no todo, uma unidade organizada com lógica, graça e harmonia. É dessa distribuição concatenada de tempos e espaços, desta engenharia de armação do texto, que depende, em última instância, a fluência que a narrativa terá e a eficiência que a mensagem alcançará (LIMA, *Ibid*, p. 125).

Jornalismo Econômico

Erbolato (1981) cita em sua obra que o surgimento da editoria de jornalismo econômico foi tímido, com publicações resumidas e de interesse restrito: cotações de moedas estrangeiras, valores de gêneros alimentícios, informes sobre falências e concordatas e outras pequenas notícias esparsas. “Atualmente, os matutinos passaram a divulgar temas econômicos, mais extensos, isto é, não só aquelas informações anteriores, mas também tudo quanto, de certa forma, possa refletir-se sobre a coletividade, com repercussões de caráter financeiro ou que provoque restrições de hábitos de compra e venda” (Erbolato, *Ibid*, p. 139).

Este jornalismo não tem caráter meramente informativo, contribui para impulsionar o progresso, fazendo análises e emitindo sugestões. Medidas para conter a inflação, controle dos preços, prioridades de obras públicas, cortes em orçamento oficiais, mudanças de taxas bancárias, revisões salariais, abastecimento, previsão de lojistas sobre vendas, estimativas de produção em face de medidas governamentais, apelos de autoridades e empresários para que cooperem em determinados setores, eleição e posse de dirigentes de associações que reúnam proprietários de empresas de finalidades lucrativas, paralisação do trabalho (greves), reivindicações de aumento (de funcionários públicos e privados), movimento das Bolsa de Mercadorias, câmbio, valorização ou desvalorização de ações ou títulos públicos e valor das cotas dos fundos mútuos e fiscais são assuntos abordados na editoria.

As notícias econômicas mostram as realidades do mercado e, segundo Erbolato (*Ibid*), servem como planejamento para diversos setores comerciais, já que auxilia a população na percepção dos problemas que envolvam produção, dinheiro e consumo, esclarecendo informações divulgadas e facilitando a compreensão dos assuntos abordados.

As notícias sobre assuntos financeiros ajudam a obter o conhecimento e a informação das quais se necessita a respeito da maneira como pode funcionar o sistema econômico de uma nação.

Em uma sociedade livre, o papel do jornalismo econômico não é diferente de seu papel no governo e na política: informar e estimular a discussão dos cidadãos, ainda quando isso provoque uma diferença salutar de opiniões (SIEGFRIED MANDEL *apud* ERBOLATO, 1981, p. 142).

Preços que sobem, indústrias, cotação do dólar, empresas, moeda forte, Real. Essas são algumas das palavras constantemente utilizadas na linguagem de reportagens sobre jornalismo econômico. Kucinski, em “Jornalismo Econômico” (1996), aponta paradoxos da economia brasileira: o contraste entre a abundância e a indigência.

Não apenas entre ricos e pobres, mas entre uma natureza estocada em terras, energia e minérios, e sua população depauperada, carente. Se o problema central da economia fosse o de prover o máximo de benefícios materiais à população, tendo recursos necessariamente limitados, como propunham os economistas clássicos, em que lugar seria tão fácil resolver essa questão como no Brasil? No entanto, em poucos lugares parece tão difícil (KUCINSKI, *Ibid*, p. 11).

Outro problema apontado é o estrangulamento por falta de moeda forte, ou seja, o dinheiro aceito em pagamentos em transações internacionais. O terceiro paradoxo é o de não acumular os capitais necessários a uma industrialização auto-sustentada, apesar de suas altas prolongadas taxas de crescimento.

Uma questão identificada no jornalismo econômico é a dificuldade do leitor em compreender a linguagem utilizada, ou seja, decodificar o ‘economês’. “O espaço dos jornalistas dedicados à economia permanece confinado, dificultando a formação de uma nova linguagem, apropriada à apresentação e à análise da questão econômica para um grande público” (KUCINSCKI, *Ibid*, p. 15).

O trabalho dos jornalistas destinados à cobertura do cenário econômico parece ligado a uma especialização, dificultando a formação de uma linguagem mais acessível ao público-leitor. “O código da linguagem funciona no plano simbólico como uma espécie de matriz que desperta significados ligeiramente diferentes na cabeça de cada um, conforme as associações de sua memória e significados previamente atribuídos”, (KUCINSCKI, *Ibid*, p. 167).

Esse tipo de jornalismo é dirigido a pelo menos dois tipos de leitores, que comunicam-se com seus códigos próprios, um grupo formado por: especialistas, grandes empresários e profissionais do mercado; e de outro lado: o grande público e os pequenos empresários.

Os atributos da boa linguagem jornalística podem ser sintetizados sob o qualificativo geral de objetividade. Não no sentido filosófico de se entender a realidade como dada e unívoca e nem no sentido de uma camisa de força, que nega ao jornalista o direito de opinar e de fazer juízo de valor. Trata-se de objetividade como um princípio de adesão à honestidade intelectual e de propósitos e de primazia dos fatos, que se materializa na linguagem jornalística por meio de um conjunto de atributos de fundo e de estilo” (KUCINSCKI, *Ibid*, p. 168)

O texto segue padrões da importância social do tema, a hierarquização dos fatos estudados e a contextualização, entre opinião e informação. A leitura torna-se facilitada quando o jornalista consegue entender o fenômeno econômico o que busca retratar na reportagem.

A atividade de jornalismo econômico está centrada na cobertura de negócios e finanças. Alguns veículos especializados nessa modalidade são: os jornais Gazeta Mercantil, Valor Econômico, Jornal do Comércio/R.J., e as revistas Carta Capital, Isto É Dinheiro, Forbes, Amanhã e América Economia. Destacam-se também alguns profissionais da área, como Luis Nassif, Joelmir Beting e Lílian Witte Fibe.

Normalmente, o jornalista trabalha diretamente com fontes oficiais, ou seja, órgãos públicos e empresas privadas, entre elas o Banco Central e as diversas bolsas de valores. Existe a necessidade de transmitir os dados da forma mais clara possível, interpretando códigos e expressões utilizadas na economia nacional e internacional, que não são do cotidiano do leitor.

A década de 1990 foi o período em que a cobertura econômica passou a ter maior importância no cenário nacional (durante o governo do então presidente Fernando Collor de Melo e a implantação de pacotes econômicos e impostos). Uma situação relevante foi o bloqueio de grande quantidade de dinheiro – dos cidadãos comuns e empresários – realizado por Collor, como medida para controlar a inflação. Depois do ocorrido, os jornais e revistas especializadas passaram a dar mais destaque aos assuntos econômicos e foram de grande auxílio à população, trazendo tabelas e entendimento da nova moeda.

A troca de notícias sempre é feita com pessoas ligadas a grandes órgãos. Na maioria das vezes, baseadas em relações de confiança mantidas por diversos anos.

Realidade abordada

A idéia para uma grande reportagem pode até nascer da pauta diária, mas ela obrigatoriamente terá uma outra dimensão, irá muito mais fundo no tema. Caldas (2003) descreve “que as possibilidades de temas para uma reportagem de fôlego são infinitas. Basta usar a criatividade”.

Como é o caso do relatório “Conflitos no Campo – Brasil 2007”, realizado pela Comissão Pastoral da Terra, aponta que o Estado de São Paulo é responsável por 59% da cana esmagada em todo país, ou seja, é o principal estado produtor de álcool e açúcar. “O Estado de São Paulo tem como expectativa ampliar mais 1,7 milhão de hectares nos próximos cinco anos, somando uma área total de 4,7 milhões de hectares”, (Comissão Pastoral da Terra, 2007, p. 37). O avanço do crescimento da cultura prejudica inclusive o cultivo de outros alimentos, como laranja, café e criação de gado de leite.

Com a elevação do preço das terras na região Sul-Sudeste, em particular do Estado de São Paulo, devido à expansão dos plantios de cana-de-açúcar, não apenas as terras destinadas à produção de alimentos são afetadas pela concorrência com as monoculturas, como a tendência destas é de se expandirem para a região Centro-Oeste e sul da região Norte. (Comissão Pastoral da Terra, 2007, p. 37)

O aumento das áreas cultivadas de cana-de-açúcar e também a diminuição do cultivo de demais culturas precarizou as relações de trabalho no campo, sendo responsável pelo desemprego, mutilações e morte de trabalhadores. Segundo o relatório, São Paulo é um dos Estados que apresenta maior número de ocorrências de trabalho escravo. “Salta aos olhos como o setor sucroalcooleiro é o responsável pela presença de um maior número de pessoas reduzidas à escravidão. É seguido, na produção do tomate, na roçagem e serviços gerais nas fazendas, na produção de carvão” (Comissão Pastoral da Terra, 2007, p. 125).

Na seqüência, leia a grande reportagem na íntegra.

5. GRANDE REPORTAGEM

Açúcar Amargo: Cultivo de Cana-de-açúcar e exploração dos trabalhadores

Monopólio do Grupo Cosan derruba preço da planta aos produtores. Lucro do ouro verde não atinge trabalhadores rurais

“Nos seus 500 anos de história, a indústria brasileira da cana-de-açúcar nunca esteve sob tantos holofotes. Nas últimas três décadas, a cana deixou de ser meramente uma planta alimentícia para se tornar uma importante alternativa energética limpa e renovável, seja pela experiência bem sucedida do etanol – que reduz a dependência do petróleo e as emissões de gases do efeito estufa -, seja pelas novas fronteiras da bioeletricidade (feita com o bagaço e a palha da cana), dos bioplásticos e das biorrefinarias”. Esta é a descrição do cenário atual da exploração de cana-de-açúcar que foi feita por Marcos Jank, presidente da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) e Elio Neves, presidente da Feraesp (Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo).

O desafio desta atividade é a sustentabilidade econômica, social e ambiental. Existe a necessidade de eliminar a queima da cana nos municípios canavieiros, feita para viabilizar a colheita manual. Ao mesmo tempo, capacitar os trabalhadores, já que a partir de 2014, cerca de 180 mil cortadores irão perder o emprego com a mecanização e expansão do setor. É fundamental manter as condições de trabalho e qualidade de vida dos cortadores em áreas como contratos de trabalho, remuneração, saúde, segurança, transporte, alojamento e atendimento a migrantes contratados de outras regiões.

As altas produtividades das usinas e destilarias são obtidas por meio do esforço dos trabalhadores. A jornada diária começa por volta das 4 horas da manhã, na preparação da marmitta que, até a hora de ser consumida, já estará mais do que fria. Os ônibus das empresas apanham esses trabalhadores em casa entre 5 e 6 horas da manhã. Rumam para o campo, onde a jornada começa às 7 horas. Lá pelas 11 horas, eles fazem uma parada para o almoço, que deveria ser de uma hora, mas poucos respeitam esse tempo e retornam a colheita antes do tempo estipulado. Durante o dia, fazem intervalos de 10 minutos para descanso. O serviço termina por volta das 15 ou 16 horas. Em seguida, novamente viajam de ônibus para suas

casas. Chegam por volta das 17 horas. Dormem entre 20 ou 21 horas para, na manhã seguinte, retomarem a rotina.

A riqueza do setor sucroalcooleiro (produtor de açúcar, álcool, bioenergia e futuramente, plástico) prevê movimentar R\$ 40 bilhões até o final deste ano. Porém, os lucros não chegam até os trabalhadores. Em 1985, um cortador ganhava em média, no Estado de São Paulo, R\$ 32,70 por dia. Em 2007, recebeu R\$ 28,90. Ou seja, ocorreu o achatamento salarial de mais de 13%. O salário caiu, mas as exigências no duro trabalho aumentaram. Se, em 1985, o trabalhador cortava 5 toneladas diárias, na safra atual, são 9,3 toneladas diárias.

O trabalho na colheita da cana reúne os cortadores mais jovens, se comparado com o de outras atividades, como milho, mandioca, arroz e soja. Em média, esses trabalhadores têm 35 anos e em sua maioria, são negros. Usar o facão exige esforço físico e é preciso dar 3.792 golpes para colher 11,5 toneladas no dia. Em todo Brasil, existem 335 mil cortadores de cana, segundo dados da Unicamp (Universidade de Campinas).

Muitas atividades do nosso cotidiano têm relação direta com o produto dos canaviais. Por exemplo: enchendo o tanque com 49 litros de álcool, consome-se uma tonelada de cana. Cana cujo açúcar tem origem nessa mesma força de trabalho e é o mesmo utilizado para adoçar o café ou o chá que as pessoas consomem.



Figura 1 - Em todo Brasil existem mais de 335 mil cortadores de cana

Fonte: Arquivo Jornal “O Democrático”

Coberto pela fuligem negra da cana, Valdecir de Oliveira, 36 anos, retorna ao ‘pardieiro’ onde mora. Dois quartos, um banheiro e uma cozinha improvisada, que ele divide com outros 14 homens, no Jardim Bela Vista 2, município de Barra Bonita. Natural de Iati, no Estado de Pernambuco, esta é a terceira vez que ele vem à região de Dois Córregos para cortar cana. “Sei bem as dificuldades da vida. Só Deus sabe o que já passei”, conta.

Ele é empregado direto do Grupo Cosan S/A e já trabalhou em sítios ao redor de toda a cidade. Com a ponta da bota furada e dizendo estar ‘extremamente’ cansado ao final de mais um dia de trabalho, ele aceitou falar à reportagem. “O dinheiro que se ganha é muito pouco. Junto a safra toda pra voltar pro Norte [como eles chamam a cidade onde moravam anteriormente] e comprar uma casinha”, afirma Oliveira. Casado, com 2 filhos pequenos, a mulher ficou em Iati. Ele espera voltar para lá quando a safra terminar, em dezembro.

Esses homens amontoados em um só cômodo não se conheciam. Vieram de cidades da região Nordeste do Brasil. Alguns de Caruaru, outros de Cupira ou Iati, cidades do Estado de Pernambuco. Assim como Valdecir, seus colegas de trabalho e alojamento estão em Dois Córregos desde o final de fevereiro deste ano para trabalhar na lavoura de cana e levar dinheiro quando voltarem para o “Norte”.

Roupas recém lavadas e ainda pingando estão estendidas no meio do quarto, sapatos, chapéus e facões estão por toda parte. Os equipamentos de segurança entregues pelas empresas ficam com os cortadores e estão espalhados, por aí. O que existe são camas, beliches, muitas em dois únicos cômodos. Não há guarda-roupas ou geladeira. Somente um fogão e um varal, onde ficam dependuradas as tripas de lingüiça.

“Lá em Cupira, com o meu acerto da safra, vou comprar uma casa boa, de uns quatro cômodos”, contou esperançoso Jacinto Souza Pereira, 42 anos. Pela primeira vez no município, ele espera receber cerca do R\$ 3 mil da rescisão de contrato de trabalho e do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço). Viúvo, ele acredita que com um lugar para ‘se esconder’, sua vida vá mesmo mudar. “Vou caçar uma nova companheira, bem bonita, de preferência. A luta já é brava, sem ninguém junto, só Deus mesmo”, brincou.

Raimundo Francisco, de 31 anos, tem um curativo na mão esquerda. Há três dias cortou-se com o facão na lavoura, mas nem por isso deixou o serviço. “Estou firme, trabalhando normalmente. Não quero perder dia, nem que me descontem nada”, falou com ar desconfiado. Sujo e mastigando um pedaço de pão, disse estar cansado dessa vida, mas que ainda não encontrou outro serviço, onde possa ganhar mais dinheiro. Por mês, recebe cerca de R\$ 500. Francisco conta que economiza ao máximo o salário e o que sobra, guarda em uma

latinha de cerveja tampada com fita crepe. “Só gasto mesmo com comida. No fim da safra compro uma camisa nova ou um tênis, só”.

O acordo coletivo das empresas com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais garante aos trabalhadores receber uma cesta básica por mês. Com o salário, os cortadores de cana dizem comprar a ‘mistura’ e o que não vem na cesta. A comida no alojamento é feita coletivamente; eles dividem tudo. Quase todos os dias, eles comem arroz, com lingüiça cortadinha e farofa. Às vezes tem feijão, couve, carne ou frango. De domingo, quando os trabalhadores estão de folga, o ‘cozinheiro oficial’, Givanildo Souza, 43 anos, prepara a macarronada. “É só, não tem nada de luxo. Nenhum dia. Carne só de vez em quando”, ressalta.

Discussão? Briga? Eles dizem que sai e muito. Oliveira diz que é muita gente, que não se conhecia, morando junto. “A gente cumpre ordem dos turmeiros [*intermediário entre os trabalhadores e as empresas*], onde eles nos colocam, a gente fica”, conta conformado. Ele diz que já viu um ‘companheiro’ morrer, a facadas. “Foi no ano passado, o Zé discutiu com o cabra, ele nem esperou pra escutar, deu três facadas no pescoço dele. Meu braço arrepia só de lembrar até hoje”, explica.

Segundo o trabalhador, o sangue da vítima espirrou por tudo. “Fiquei assustado mesmo. Nem consegui dormir direito aquela noite”, diz. O cabra fugiu de madrugada, largou tudo o que tinha e nunca mais foi visto. Oliveira conta que soube que ele estava no Norte de novo, mas não lembra em qual cidade.

O consumo de cachaça é comum entre os cortadores de cana. Normalmente, o uso dessa droga é associado à impressão de superação dos limites físicos quase esgotados. A garrafa vai diariamente para a roça, escondida na sacola. “Eu bebo, fico leve, esqueço um pouco da vida e tenho ânimo pra trabalhar”, explica Francisco, o mesmo da mão cortada com o facão. Nenhum dos moradores do alojamento confirmou o uso de outras drogas ilícitas, como maconha ou crack.

José de Fátima Soares, 29 anos, toca violão, esticado em uma dos beliches do alojamento. Ele diz que está esperando a ‘bóia’. “Comida fria já basta a de todo dia. Gosto de ser o primeiro a destampar a panela”, conta com satisfação. O cardápio de hoje é arroz, feijão e farofa. Nenhum dos trabalhadores entrevistados pela reportagem é beneficiário de programas federais, como o Bolsa Família.

Cosan

O Grupo Cosan S/A possui unidade produtora de açúcar e álcool em Dois Córregos. A empresa é a maior grupo do mundo no que se refere à produção de derivados de cana-de-açúcar. Nas 18 unidades produtoras da empresa, o grupo tem capacidade para moer mais de 40 milhões de toneladas de cana, ou seja, o equivalente a 12% da produção total do centro-sul do país.

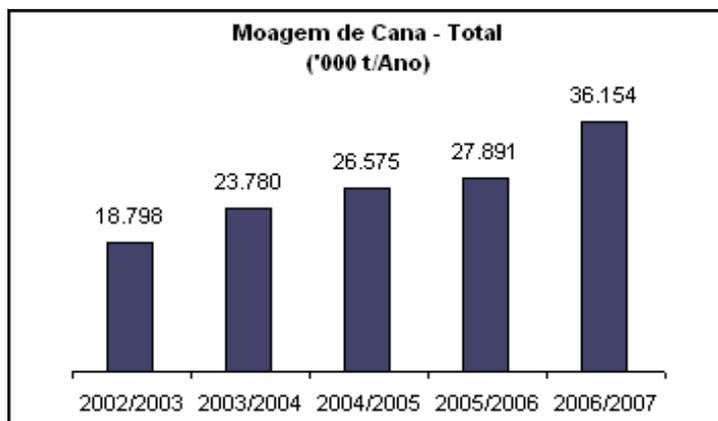
Dados divulgados pela assessoria de imprensa da Cosan revelam que todas as unidades estão localizadas no Estado de São Paulo. “O Estado apresenta condições ímpares de clima, solo e topografia, o que favorece a Cosan na obtenção de um dos menores custos de produção do mundo. Além disso, a sua infra-estrutura e logística facilitam o escoamento da produção para os mercados externo e interno”, informa a assessoria de imprensa do grupo. A empresa ampliou seu parque industrial de 3 para 18 unidades nos últimos anos. Essas unidades empregam mais de 43 mil trabalhadores diretos.

Em outubro deste ano, o aumento de capital gerado pela empresa pode chegar a US\$ 1 bilhão. Segundo a assessoria, os recursos captados serão investidos nos projetos do setor sucroalcooleiro. Até 2010, a previsão é que os investimentos somem R\$ 6 bilhões. O grupo é presidido por Rubens Ometto Silveira Mello, que admitiu que a companhia segue negociando possíveis aquisições de novas unidades.

A Cosan busca produzir energia de forma sustentável, utilizando fontes renováveis. Também pretende ser a maior e mais rentável empresa do mundo no setor sucroalcooleiro. Atualmente, a empresa é líder na produção de açúcar e etanol no mundo e pretende, futuramente, explorar o potencial de co-geração de energia elétrica.

No gráfico, a empresa mostra o crescimento na quantidade de cana-de-açúcar moída entre os anos de 2002 e 2007. No primeiro período analisado, a safra de 2002/2003 produziu 18.798 mil toneladas no ano. Já no último período analisado, a safra de 2006/2007, foram 36.154 toneladas no ano. Ou seja, a quantidade da planta triturada para a produção de açúcar e álcool aumentou mais de 100% em um período de sete anos.

Figura 2 – Crescimento da quantidade de cana moída entre os anos de 2002 e 2007

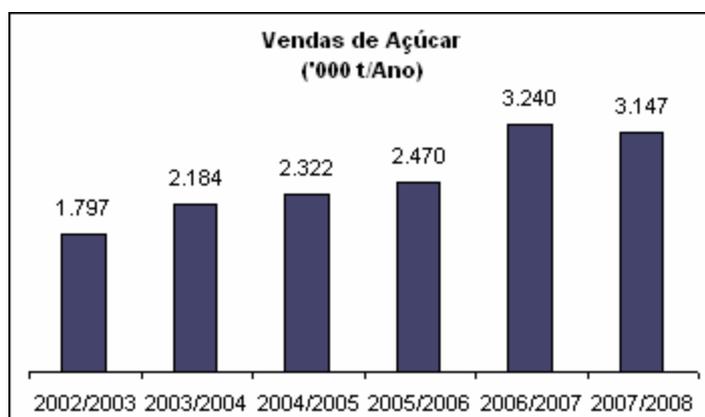


Fonte: site oficial da Cosan

Com o aumento da quantidade de cana moída, a empresa também registrou aumento nas vendas de açúcar e álcool. No gráfico 2, é possível constatar o crescimento no mercado do açúcar produzido nas unidades da Cosan. Entre os anos 2006 e 2007, a produção alcançou seu maior resultado até o momento, conforme divulgado pela própria empresa: foram produzidas 3.240 mil toneladas no ano.

Mesmo com o aumento na produção de açúcar, os produtores passaram por um período difícil na última safra, em função dos baixos preços mundiais e a desvalorização do real em relação ao dólar, reduzindo o ganho com as exportações, segundo dados da Unica. Um dos fatores apontados pela organização foi a competição com a Índia, que aumentou a produção de açúcar em resposta aos altos preços de 2006.

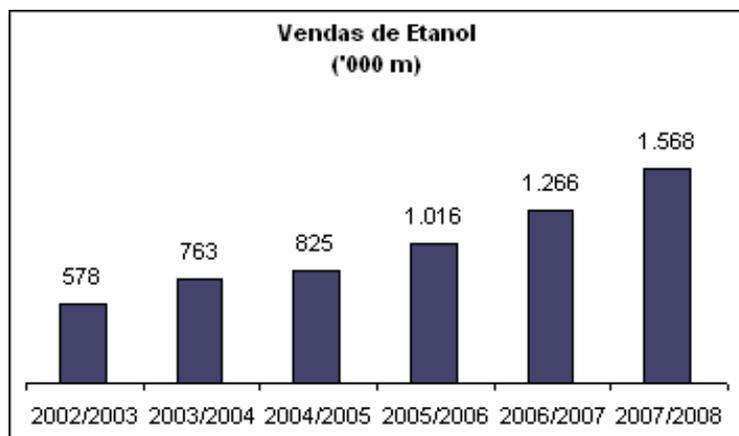
Figura 3 – Crescimento da quantidade de cana moída entre os anos de 2002 e 2007



Fonte: site oficial da Cosan

Paralelamente à venda de açúcar, houve também crescimento do etanol. No período entre 2002 e 2008, a quantidade aumentou de 578 m³ para 1.568 m³.

Figura 4 – Crescimento das vendas de etanol



Fonte: site oficial da Cosan

Paralelamente à venda de açúcar, houve também crescimento do etanol. No período analisado, entre 2002 e 2008, a quantidade aumentou de 578 m³ para 1.568 m³.

A exploração da cana-de-açúcar soma uma área de 605 mil hectares. E na safra 2008/2009 (de abril a novembro), a moagem da cana é prevista em 44 milhões de toneladas. A empresa divulgou que, ao final desta safra, a produção de açúcar deverá atingir 3,15 milhões de toneladas e 1,57 bilhão de litros de etanol.

A antiga Usina Santa Adelaide, fundada em 1947 pela família Camargo, foi incorporada ao grupo Cosan no ano de 2002. Essa unidade tem capacidade de moagem de 7.500 toneladas por dia e produz 18.500 sacas de açúcar/dia e a 220 m³ de etanol/dia.

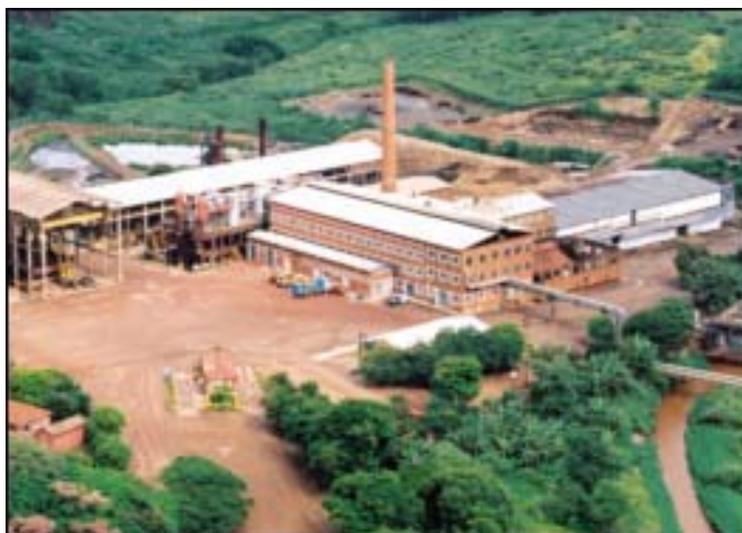


Figura 5 - Na imagem aérea, a unidade Dois Córregos

Fonte: site oficial da Cosan

“A produtividade é o resultado da combinação clima, solo e variedades de cana. Dessa forma, as maiores produtividades são atingidas ao se alocar a variedade indicada ao seu ambiente de cultivo, num ambiente de cultivo, num solo com propriedades físicas, químicas e biológicas corrigidas”, conforme divulgado pela assessoria da Cosan. O controle de pragas e das plantas daninhas torna-se necessário para evitar a redução de produtividade.

Após até seis cortes consecutivos, a cultura passa por uma renovação. Dessa forma, a taxa de renovação anual do cultivo varia entre 15% e 20% sobre o total da área cultivada.

O corte manual é praticado após a queima da cana para facilitar o trabalho do cortador e representa 70% do volume da colheita da empresa. Já a colheita mecanizada é realizada sem a queima e representa os restantes 30% do volume da colheita. O produto recebido dos fornecedores também aumentou, pulando de 5,2 milhões de toneladas em 2001 para 16 milhões de toneladas em 2006.

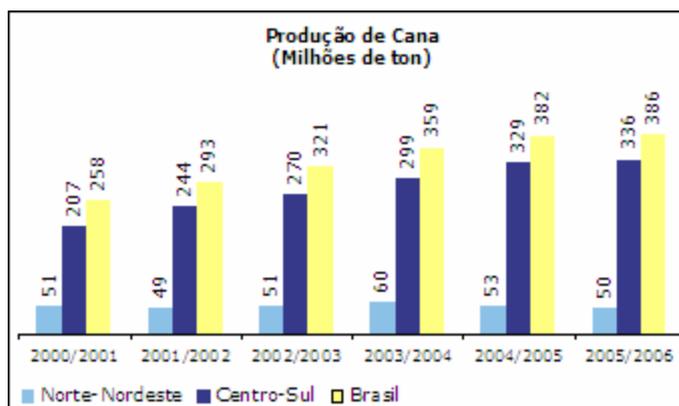
Seis tipos de açúcar são produzidos: açúcar cristal (indicado para processos alimentícios); açúcar demerara (utilizado em processos alimentícios que exijam sabores, cores e texturas especiais); açúcar refinado (indicado para processos que exijam dissolução rápida); açúcar refinado granulado (destinado aos processos com elevado grau de pureza); açúcar líquido sacarose (indicado para processos com elevado grau de pureza); açúcar líquido invertido (trata-se de um xarope claro, isento de odor e aromas, que dá sabor estável em produtos ácidos, como é o caso dos refrigerantes).

Para a venda no mercado externo, a empresa produz o açúcar VHP (Very High Polarization) criado em 1993, além dos tipos refinado granulado, cristal e orgânico. Trata-se de um açúcar bruto, que permite aos clientes transformá-los em diferentes tipos de açúcar para o consumo. Na safra 2007/2008, o volume exportado da produção de açúcar da Cosan chegou a 84,7%.

No caso do álcool, a produção anual é de 1.016 mil m³ do combustível. Este é comercializado para as distribuidoras em duas versões: o álcool hidratado carburante, utilizando diretamente nos motores dos veículos e o álcool anidro, utilizado na mistura da gasolina. Cerca de 2/3 da produção é destinado à exportação e três tipos são produzidos: o industrial, o refinado e o neutro, que é destinado para indústrias químicas, farmacêuticas, de perfumes e de bebidas.

O Brasil é o maior exportador mundial de açúcar e, junto com a Austrália e alguns países da América Central e do Sul, é um dos poucos países a exportar mais do que o consumo doméstico. Já no caso do etanol, a maior parte da produção é destinada ao abastecimento do mercado nacional.

Figura 6 – Demonstrativo da produção de cana, dividido por regiões



Fonte: site oficial da Cosan

A produtividade agrícola brasileira cresceu nos últimos anos e, atualmente, está em 77 toneladas de cana por hectare. A região centro-sul representa 85% da produção brasileira de cana, açúcar e etanol. Na atual safra, as vendas da Cosan totalizaram mais de R\$ 1,4 milhão. Na safra deste ano, segundo dados do site Observatório do Setor Sucroalcooleiro, 31 novas unidades produtoras iniciaram as operações em todo o Estado de São Paulo. Número superior ao da safra 2006/2007, quando 20 novos locais de exploração iniciaram as atividades. Este veículo surgiu de um convênio da FEA (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade) da Universidade de São Paulo, por meio da Fundace (Fundação para Pesquisa e Desenvolvimento da Administração, Contabilidade e Economia) e Unica, para estudos, pesquisas e projetos sobre o setor sucroalcooleiro.

Associcana

A Associcana (Associação dos Produtores de Cana da Região de Jaú) foi fundada em 1976 para defender os interesses dos produtores de cana. A sede administrativa da entidade está localizada em Jaú e possui duas sub-sedes, situadas nas cidades de Dois Córregos e Bocaina. Entre suas atividades, defende os associados na prática de queima da palha de cana-

de-açúcar e oferece atendimentos médicos, laboratoriais, jurídicos, dentários, farmacêuticos, social, entre outros.

A Associcana abrange oito empresas, entre usinas e destilarias da região: Usina da Barra S/A Açúcar e Álcool em Barra Bonita; Cosan S/A Indústria e Comércio em Jaú; Usina da Barra S/A Açúcar e Álcool em Dois Córregos; Usina Santa Cândida Açúcar e Álcool Ltda. em Bocaina; Usina Central Paulista Açúcar e Álcool Ltda. em Jaú; Usina Della Coletta Açúcar e Álcool Ltda. em Bariri; Destilaria Grizzo Ltda. em Jaú e Paraíso Bioenergia Ltda. em Brotas.

O preço da tonelada de cana praticado no mês de agosto deste ano foi de R\$ 0,2475. Esse valor refere-se à safra 2008/2009.

Figura 7 – Preço médio da tonelada praticado nos meses de abril a agosto de 2008

Mês	Preço Médio do kg de ATR	
	Mês	Acumulado
Abril	0,2538	0,2538
Maio	0,2506	0,2521
Junho	0,2385	0,2466
Julho	0,2493	0,2470
Agosto	0,2498	0,2475

Fonte: site oficial da Associcana

O pagamento da cana-de-açúcar é realizado pelo teor de sacarose, avaliado segundo critérios técnicos de qualidade, desde a planta entregue pelo produtor às indústrias e que determina o preço pago ao produtor rural. Pelo sistema, o valor da cana-de-açúcar se baseia no chamado Açúcar Total Recuperável (ATR), que corresponde à quantidade de açúcar disponível na matéria-prima subtraída das perdas no processo industrial, e nos preços do açúcar e álcool vendidos pelas usinas nos mercados interno e externo.

No início dos anos 90, com a política de liberação dos preços controlados pelo governo federal, a cana-de-açúcar, açúcar e álcool (anidro e hidratado) passaram a ter seus preços regidos pelo mercado. Porém, apesar de a lei que determinava a liberação ter sido publicada em 1991, somente cinco anos mais tarde foram publicadas as portarias ministeriais

que liberaram os preços do setor sucroalcooleiro. A Consecana (Conselho dos Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Alcool de São Paulo), responsável pelo modelo de gestão do setor, começou a operar na safra de 1998/1999, com produtos de cana sendo comercializados com preços de mercado.

Ministério Público

O Ministério Público do Trabalho (MPT) fiscaliza as condições de trabalho dos cortadores de cana, os responsáveis pela colheita na região. Frequentemente, entre as principais irregularidades constatadas estão a falta de segurança no transporte desses lavradores e a falta de documentação dos veículos utilizados. Também foi verificado o excesso da carga horária na jornada de trabalho. Em alguns casos, motoristas trabalham mais de 12 horas por dia, sem contar sequer o mês de férias e, muitas vezes, sem receber nenhum treinamento antes de iniciar o trabalho. Outras irregularidades comuns nas lavouras são a falta de reposição de equipamentos de segurança (óculos, luvas e mangotes); a não obediência nas pausas para almoço e descanso; a falta de registro na Carteira Profissional; a falta de abrigo para refeições e de banheiros. São apontados, ainda, outros problemas como falta de pagamento de diária mínima e alienação dos trabalhadores quanto ao valor pago por tonelada da cana.

Esses trabalhadores são migrantes vindos, predominantemente, dos Estados do Rio Grande do Norte, Bahia, Pernambuco e Paraíba. Trabalham mais de dez horas por dia, já que o transporte demora a chegar ao local da colheita. Ao final do dia, ficam em alojamentos desconfortáveis e sujeitos para algumas horas de descanso.

Das 18 unidades do Grupo Cosan, 17 delas têm TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) assinado com o MPT. Esse acordo é firmado entre o Ministério Público e a empresa, de modo que esta se comprometa a agir de acordo com as leis trabalhistas, sob pena de multa. Se confirmado o envolvimento do grupo nas irregularidades, as sanções podem gerar a execução do TAC, que estipula multa diária de R\$ 50 mil e risco de ajuizamento de Ação Civil Pública, em caso de descumprimento. Esse compromisso atinge cerca de 20 mil trabalhadores e prevê a redução das terceirizações até 2010, quando todos os trabalhadores deverão ser registrados diretamente.

Devido ao forte calor, os trabalhadores consomem até dez litros de água em um dia. Sem banheiro para urinar, muitas vezes, os cortadores fazem as necessidades fisiológicas no próprio eito da lavoura. Dados do MPT apontam que o trabalho é considerado “escravo”

quando os trabalhadores são colocados em situação de difícil saída, também, quando precisa pagar pela comida, pela moradia e não sobra sequer para o mínimo de dignidade. “*Grosso modo*, quando o cortador trabalha por comida e moradia fornecidos pelo empregador, geralmente, em condições degradantes e subumanas”, exemplifica o assessor do MPT, Rafael Ferreira de Almeida.

Em relação ao piso salarial recebido pela categoria, o representante do MPT opina que mesmo sendo um valor baixo pago pelo salário e pela produção, a maioria das empresas paga de acordo com a lei. “O monopólio exercido pela Cosan foi benéfico no que diz respeito às questões trabalhistas, já que o grupo é responsável pelas usinas que mais evoluíram no ramo das empresas sucroalcooleiras”, ressalta Almeida.

Na micro-região de Bauru, foram registrados 28 casos de mortes no campo, desde o início de 2008. As causas são resultado do baixo salário recebido por produção. Ou seja, em busca de um salário digno, o trabalhador acaba sucumbindo por estafa, de tanto cortar cana. Em outros casos, as altas temperaturas e baixas umidades do ar também interferem na saúde dos cortadores. Os trabalhadores também não cumprem o descanso de uma hora para almoço. Em 1985, os cortadores do Estado produziam, em média, 5 toneladas diárias de cana. Em 2008, são 9,3 toneladas, 86% a mais. A produtividade disparou e o salário caiu.

“Trabalhamos para firmar TAC’s e pressionando as empresas para reduzir a jornada dos trabalhadores. Também estamos forçando as usinas para que meçam a temperatura diariamente antes do corte, para que, sob determinadas temperaturas, o trabalho seja interrompido. Sob nenhuma hipótese, o empregador pode deixar de fornecer equipamentos para os trabalhadores. São medidas como estas que garantem o mínimo de qualidade de vida no campo”, opina o assessor do MPT.

São nove homens para cada mulher na lavoura canavieira do Brasil. Dados compilados pela Unicamp (Universidade de Campinas) apontam que esses trabalhadores são os de menor média etária da cana, com 35,5 anos; 63,7% deles são negros.

Em agosto de 2008, foi lançado o Plano Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo pelo Governo Federal e uma das metas do documento é combater o trabalho degradante em usinas e plantações de cana. Segundo o site Observatório do Setor Sucroalcooleiro, o plano é o principal instrumento administrativo para nortear ações do governo federal e também da sociedade civil no combate ao trabalho degradante.

São observadas questões relativas a contratos e jornada de trabalho, saúde, segurança, remuneração, adequação das condições de alimentação, moradia, transporte e qualificação dos trabalhadores. O setor será alvo das fiscalizações este ano. Em 2003, na última atualização, as

plantações de cana nem eram citadas no Plano do governo federal. Um dos temas mais sensíveis do documento é a mecanização nas colheitas, já que, no Estado de São Paulo, a previsão é que cerca de 180 mil trabalhadores sejam substituídos por máquinas até 2014.

“A mecanização é um desafio enorme para o País e para o setor. O trabalho do corte de cana não é para seres humanos. Os atuais trabalhadores precisam de renda, eles não podem ficar desempregados. Treiná-las e educá-las é uma questão central, já que essas pessoas não podem ficar abandonadas. Não é um processo fácil e simples, porque as pessoas que estão no trabalho braçal precisam ser capacitadas e isso demora um tempo. Mas não tem como fugir dessa realidade”, explica Sérgio Prado, da Unica.

Em ação civil pública, o procurador do Trabalho, Luis Henrique Rafael, destacou o que considera abismo entre os componentes contemporâneos e arcaicos do negócio da cana e de seus derivados: “A tecnologia de ponta que se observa nas usinas contrasta com as ‘senzalas’ nos canaviais, explicitando bem o verdadeiro *apartheid*, fruto da inescrupulosa equação de distribuição das rendas geradas pelo tal ‘petróleo verde’”. Só no Estado de São Paulo são 135 mil cortadores de cana.

Unica

A Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) é a maior organização representativa do setor de açúcar e bioetanol do Brasil. Criada em 1997, é resultado da fusão de diversas organizações setoriais do Estado de São Paulo, após a desregulamentação do setor no País. As mais de 100 companhias associadas à Unica são responsáveis por mais de 50% do etanol e 60% do açúcar produzidos no Brasil.

Segundo divulgado por sua assessoria de imprensa, a missão da entidade é liderar o processo de transformação do tradicional setor de cana-de-açúcar na agroindústria capaz de competir de modo sustentável no Brasil e ao redor do mundo nas áreas de etanol, açúcar e bioeletricidade. A Unica tem como objetivos: consolidar o etanol no setor de combustíveis; promover a demanda do etanol como um combustível veicular limpo; fomentar a produção em larga escala da bioeletricidade para o mercado brasileiro e auxiliar as empresas associadas a se tornar modelos de sustentabilidade sócio-ambiental e divulgar dados científicos relacionados ao setor.

A produção da planta se concentra nas regiões Centro-Sul e Nordeste do Brasil. No mapa abaixo, as áreas vermelhas correspondem às áreas com as plantações e usinas produtoras de açúcar, etanol e bioeletricidade. Os dados oficiais foram fornecidos pelo IBGE

(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e CTC (Centro de Tecnologia Canavieira).

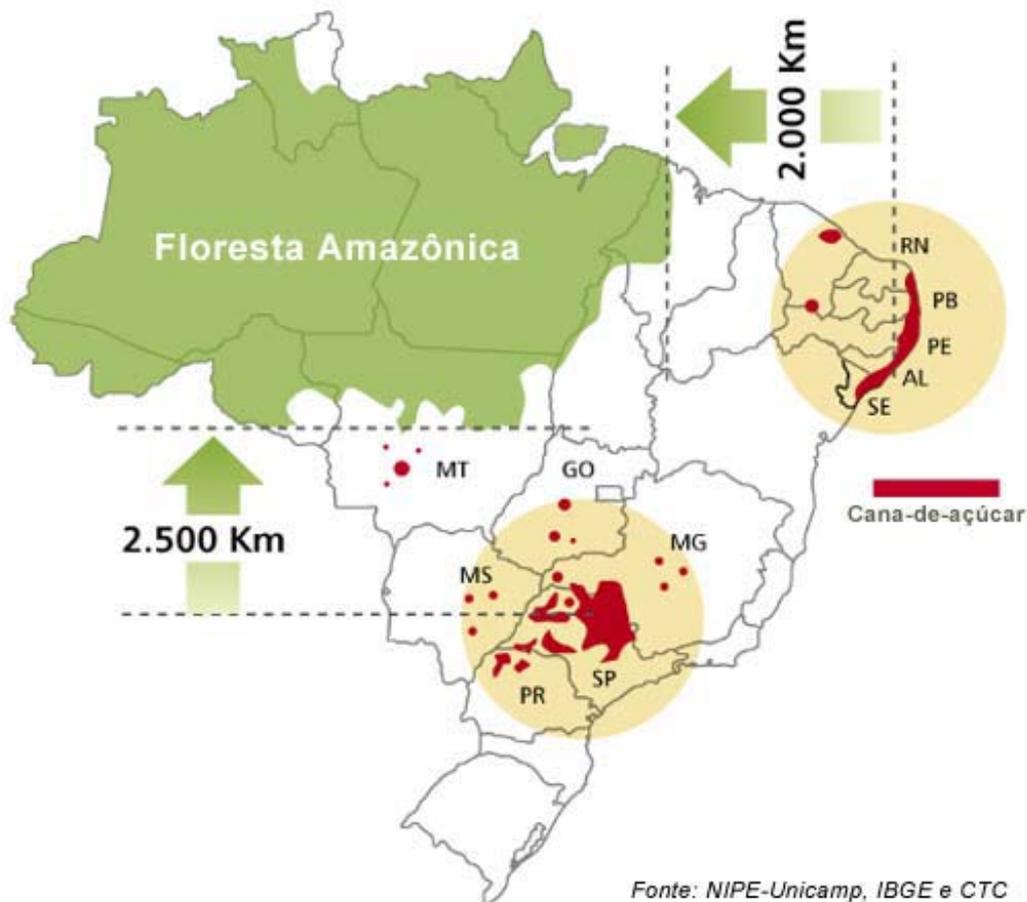


Figura 8 – Mapa demonstrativo das concentrações de produção de cana-de-açúcar

Fonte: site oficial da Única

A área cultivada ocupa cerca de sete milhões de hectares, o equivalente a 2% de toda terra arável do País. O Brasil é o maior produtor mundial de cana-de-açúcar, seguido da Índia, Tailândia e Austrália. As maiores regiões de cultivo são a Sudeste, Centro-Oeste, Sul e Nordeste, permitindo duas safras por ano. Durante todo o ano, o País produz açúcar e etanol para os mercados interno e externo.

Em junho de 2007, a Unica e o governo do Estado de São Paulo assinaram o Protocolo Ambiental do Setor Sucroalcooleiro. O documento estabeleceu uma série de princípios técnicos, de natureza ambiental, a serem observadas pelas indústrias de cana-de-açúcar. Entre as diretrizes, a que antecipa os prazos legais para o fim da colheita da planta com o uso do fogo nas áreas cultivadas, denominada “queima controlada da palha da cana”. Essa prática agrícola é necessária para a sua colheita manual, sem o emprego de máquinas. Através do

documento, o setor paulista se comprometeu a antecipar em até 14 anos os prazos, conforme o gráfico abaixo:

Figura 9 – Previsão para a eliminação da queimada da palha de cana no Estado



Fonte: site oficial da Unica

Com a mecanização no campo, esses trabalhadores rurais terão que buscar outros segmentos de trabalho. A mecanização acabaria com essa opção de trabalho e também com boa parte da exploração no campo.

Em fevereiro deste ano, a Secretaria Estadual do Meio Ambiente informou que 141 indústrias de açúcar e álcool já haviam aderido ao Protocolo, recebendo o “Certificado de Conformidade Agroambiental”. Essas adesões correspondem a mais de 90% do total de cana produzida no Território Paulista.

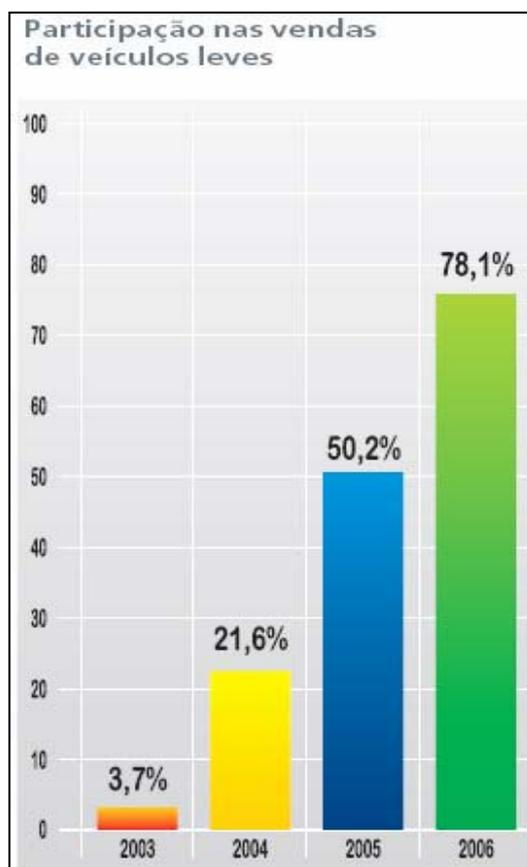
O documento prevê o fim das queimadas em áreas passíveis de colheita mecanizada e, para 2017, para as áreas não mecanizáveis. A produtividade dos cortadores é maior antes da queima da palha. Na cana crua, a colheitadeira é mais rentável que o homem, o custo da operação é reduzido em 20%. As máquinas substituem cerca de 80 homens. Cada máquina sai por R\$ 1,2 milhão, segundo a Unica.

Para 2015, os usineiros dizem que não haverá mais colheita manual nas lavouras. Dados do Instituto de Economia Agrícola, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, demonstram que a cada 1% de área mecanizada, 2.700 pessoas estarão desempregadas.

Além da queima controlada da cana, o protocolo dispõe sobre os aspectos de conservação do solo e dos recursos hídricos, proteção de matas ciliares, recuperação de nascentes, redução de emissões atmosféricas e cuidados no uso de defensivos agrícolas.

Mais de 50% da cana colhida no Brasil é destinada à produção de álcool. O crescimento do setor sucroalcooleiro no Brasil está ligado à produção de etanol, cujo consumo interno está previsto para quase dobrar num período de sete anos. Dados do site Observatório do Setor Sucroalcooleiro e da Única apontam que, ao mesmo tempo, as exportações também vão triplicar, pulando de 3,6 bilhões de litros para 12,3 bilhões de litros. O crescimento do álcool combustível passará de 22,5 bilhões de litros em 2007/2008 para 46,9 bilhões de litros em 2015/2016. Um dos fatores do aumento do consumo interno do líquido será a frota de veículos flex, que segundo previsão para 2012, passará de 18,9 bilhões de litros para 34,6 bilhões de litros.

Figura 10 – Crescimento da frota de veículos flex no Brasil



Fonte: site oficial da Única

A Unica estima que até US\$ 33 bilhões sejam injetados no setor sucroalcooleiro entre 2008 e 2015, basicamente na expansão da produção de etanol. Produzido maneira sustentável, nos aspectos sociais, econômicos e ambientais, o líquido representa a mais avançada opção existente para a produção de biocombustíveis em larga escala. Entre as vantagens sócio-ambientais apontadas estão: o balanço energético do etanol (energia contida no combustível em comparação com a energia fóssil usada para produzi-lo) é de aproximadamente 9,3. Ou seja, cerca de quatro vezes melhor que o etanol de beterraba e de trigo, e quase cinco vezes superior ao produzido de milho. Também, o líquido reduz a emissão de gases do efeito estufa em mais de 80% em substituição à gasolina. E apresenta a maior produtividade em litros por hectare quando comparado às demais alternativas. O etanol de cana produz cerca de 6.800 litros por hectare e do de milho cerca de 3.100 litros por hectare.

Mesmo com a produtividade considerada boa pelo setor, a utilização de fertilizantes é baixa, de aproximadamente 0,425 tonelada por hectare. Isso se deve principalmente à utilização de resíduos industriais na produção do etanol e açúcar como fertilizantes orgânicos. O uso da palha da cana deitada sobre o solo após a colheita, principalmente nas áreas mecanizadas, otimiza o processo de reciclagem de nutrientes e proteção do solo.

O uso de inseticidas na cultura é baixo e o de fungicidas é praticamente nulo. As principais pragas na cana são combatidas através do controle biológico de pragas e com a seleção de variedades resistentes, em grandes programas de melhoramento genético. A cultura de cana tem, relativamente, pequena perda de solo (cerca de 12,4 toneladas pro hectare). Ocorre um melhoramento com o aumento da colheita sem queima da palha de cana e com técnicas de preparo reduzido, levando a perdas e valores muito baixos, comparáveis ao plantio direto em culturas anuais.

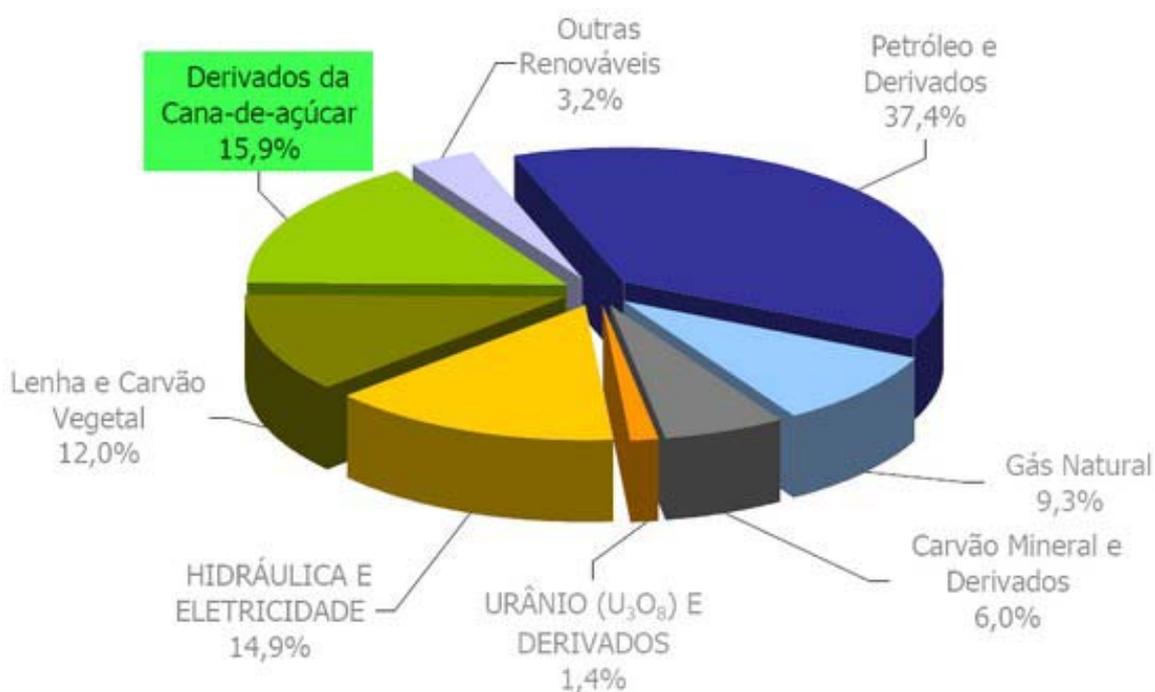
A produção de cana praticamente não é irrigada. Principalmente na região Centro-sul do País, as necessidades hídricas são sanadas naturalmente pelo regime de chuvas das regiões produtoras. E também pela aplicação da vinhaça (sub-produto da produção do etanol que é rica em água e nutrientes orgânicos) no processo de fertirrigação. É utilizado um metro cúbico de água para cada tonelada de cana processada.

Toda a energia utilizada no processo industrial de etanol e açúcar é obtida dentro das próprias usinas, a partir da queima do bagaço da cana. Desde a década de 1920, o Brasil demonstrava o seu pioneirismo em energias renováveis, estabelecendo as primeiras exigências de mistura de etanol à gasolina. Com o desenvolvimento do Próálcool, o uso dessa mistura

passou a fazer parte de uma estratégia nacional de substituição da gasolina. Com a introdução dos veículos flex, em 2003, a utilização do combustível teve um aumento significativo.

Estudo realizado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), do Ministério das Minas e Energia, confirmou que a cana é a segunda fonte primária de energia no País. O Balanço Energético Nacional de 2007 mostra que a cana representou 15,9% da Matriz Energética Brasileira, ficando atrás somente do petróleo, com 37,4%. A cana ocupa a liderança entre as fontes renováveis de energia e as hidrelétricas ficam em segundo lugar, representando 14,9% do total.

Figura 11 - Porcentagem energética ocupada pelos derivados de cana-de-açúcar



Fonte: site oficial da Unica

Segundo o balanço, a oferta interna de energia no Brasil cresceu de 5,6% em 2007, ou seja, passando de 226,1 milhões de tep (tonelada equivalente de petróleo - unidade de medida utilizada pelo setor) em 2006 para 238,8 milhões de tep em 2007. Conforme o documento, as fontes renováveis tendem a ultrapassar o patamar de 50% nos próximos anos.

“Cosan não tem a pretensão de determinar o preço”

Consultor discorda que monopólio prejudica a situação para o produtor e trabalhador rural

O Estado de São Paulo representa 53,11% de toda área cultivada de cana no País. Dados da Unica apontam crescimento das toneladas de cana, explorando as áreas já então cultivadas. Neste ano, serão colhidas 490 milhões de toneladas de cana; em 2013, a previsão é de 700 milhões de toneladas. Para o produtor rural, a previsão que o preço aumente é em 2010, conforme relatou Sérgio Prado, da Unica:

- Quais fatores influenciam o preço da tonelada de cana?

Houve um aumento muito grande na oferta de cana e só isso já é um fator determinante para o preço da cana. O caso é que a oferta da planta é maior do que a capacidade de moagem das usinas. Neste ano, novamente vai sobrar cana e isso é fatal para a determinação do preço. Por outro lado, o preço do etanol e do açúcar, diante da oferta crescente, também caiu muito no mercado externo. A atividade foi comercializada por valores que não conseguem remunerar o produtor.

A oferta de açúcar na Índia irrigou todo o mundo com produto. O Brasil é um grande exportador, já que 2/3 do açúcar produzido é exportado. Se o preço no mundo todo cai, no mercado interno também cai. Sobrou açúcar e álcool no mercado, principalmente no período de entressafra quando as usinas estavam paradas. Em relação ao etanol houve aumento do consumo e do preço. Já ao açúcar, a previsão é que os preços voltem a melhorar.

- Qual o posicionamento da Unica sobre as determinações impostas para o controle do plantio de cana?

O Zoneamento Ambiental cria condições de sustentabilidade da atividade. Em algumas áreas não há restrição para o plantio de cana. O mundo desenvolvido frequentemente acusa o Brasil de estar agredindo o meio ambiente ou de problemas nas questões trabalhistas, como um fator para evitar a compra no nosso produto. Esse movimento blinda essas acusações, que não são científicas, mas atrapalham as negociações comerciais. O usineiro não consegue provar que realiza a exploração de cana em áreas destinadas a esse fim e também que cumpre as questões ambientais a risca. Esse movimento de adequar a atividade com sustentabilidade é um fator positivo para o produto.

- Essa valorização do produto estaria, ambientalmente, atrelada à previsão do término das queimadas da palha da cana?

As indústrias pretendem superar essa prática, por questões econômicas e ambientais. A previsão do término das queimadas é o ano 2014. Então, em 2015 quando será realizado o processo da hidrólise [pesquisa em desenvolvimento que fará álcool a partir da celulose], a matéria prima que hoje vira fumaça virará mais etanol, aumentando a produtividade. Os produtores estarão queimando dinheiro ao queimar a palha da cana. Esse material pode ser recolhido na lavoura para ser depois produzido energia elétrica. Porque nesse bagaço também tem etanol, limpo, já pronto para o etanol de celulose. A palha completa a cadeia da energia elétrica. É um fator econômico também, já que não é inteligente continuar queimando a palha.

- O monopólio do Grupo Cosan nas usinas e destilarias da região foi o causador da queda do preço da cana?

A Cosan é um grupo importante e não é determinante no preço; ela está inserida, mas não faz o preço. Sozinha, a Cosan não tem a pretensão de determinar um preço. Funciona no Centro Sul como um todo e, é determinado pelo mercado geral da cana, do açúcar, álcool e da energia. Não há como um grupo fazer um preço diferente de outros, tanto para baixo, tanto para cima.

- A produção de bioenergia é o próximo produto que será explorado, produzido com a cana?

A biomassa já é a segunda maior fonte energética brasileira, ficando atrás somente da energia elétrica. Ela tende a aumentar, porque vai haver um acréscimo de oferta de bagaço de cana e os leilões de energia vão observar essa oferta, para a produção de bioeletricidade. O Brasil tem capacidade de produzir de 15 a 20% da geração de energia a partir da biomassa. Do ponto de vista da estrutura do País, a geração através das hidrelétricas tem uma queda na produção devido ao nível dos reservatórios, no período sem chuvas [entre os meses de maio a setembro, nas estações do outono e inverno] e é justamente neste momento que a cana está sendo colhida. É nesse intervalo que os reservatórios estão com a capacidade reduzida, é quando você tem a cana sendo colhida. É estratégico para o País usar a eletricidade a partir do bagaço da cana. O próximo derivado da cana será o plástico, mas não há nada definido, são apenas estudos.

CONCLUSÃO

Escrever uma grande reportagem sobre a realidade do setor sucroalcooleiro foi uma tarefa exaustiva e de muita dedicação de minha parte. Entrevistei diversas pessoas, colhi dados e reuni informações durante aproximadamente seis meses. Mas, nem de longe o cansaço que senti pode se comparar ao dos trabalhadores, os grandes heróis do meu trabalho. São eles quem suam, comem a verdadeira “bóia-fria” e vivem na miséria, trabalhando para uma dos setores mais ricos e lucrativos da economia brasileira.

As empresas e entidades ligadas ao setor comemoram os lucros, os investimentos estrangeiros, o aumento da produção de seus produtos e da utilização do etanol brasileiro. Infelizmente, essa riqueza toda não chegou a quem mais merecia seus benefícios, aos cortadores de cana. Uma alternativa para essa situação seria a participação nos lucros e resultados. Ou seja, parte do dinheiro das empresas seria destinado aos heróis do Ouro Verde.

Pior que o futuro me parece ainda mais sombrio, com a mecanização e o fim da queima da palha da cana previstos para 2014, esses homens devem ficar desempregados. Sem qualificação nenhuma, já que muitos não cursaram nem o ensino fundamental, serão apenas estatísticas para o governo. Não mais do setor sucroalcooleiro, mas do desemprego nacional. Bem ao contrário do saber do açúcar produzido pela riqueza verde, a realidade é amarga. Extremamente amarga.

REFERÊNCIAS

ASSOCICANA (Associação dos Plantadores de Cana da Região de Jaú). **Protocolo de Cooperação Agro-ambiental do Setor Sucroalcooleiro**. Disponível em www.associcana.com.br Acesso em 26 de setembro de 2008

CALDAS, Suely. **Jornalismo Econômico**. São Paulo: Contexto, 2003.

CONFLITOS NO CAMPO BRASIL 2007. **Comissão Pastoral da Terra**. Goiânia, 2008.

DIMENSTEIN, Gilberto. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus,1990.

ERBOLATO, Mário. **Jornalismo Especializado – Emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: 1981, Ática.

GRUPO COSAN S/A. **Dados financeiros**. Disponível em: http://www.cosan.com.br/grupo_info.aspx. Acesso em 16 maio 2008b.

GRUPO COSAN S/A. **Unidades Produtoras**. Disponível em www.cosan.com.br Acesso em 26 de setembro de 2008

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo Econômico**. São Paulo: EDUSP,1996.

LAGE, Nilson. **A reportagem – Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: 2002, Record.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense,1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas – O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Unicamp, 1995.

UNICA (União da Indústria da Cana-de-Açúcar). **UNICA prevê que safra 2008/09 será a maior da história.** Disponível em: <http://www.portalunica.com.br/portalunica/index.php?Secao=UNICA%20em%20ação&SubSecao=cana-de-açúcar&SubSubSecao=banco%0de%20notícias&id=20and%20id=1728>. Acesso em: 16 maio 2008a.

UNICA (União da Indústria da Cana-de-Açúcar). **UNICA prevê que safra 2008/09 será a maior da história.** Disponível em: <http://www.portalunica.com.br/portalunica/index.php?Secao=UNICA%20em%20ação&SubSecao=cana-de-açúcar&SubSubSecao=banco%0de%20notícias&id=20and%20id=1728>. Acesso em: 16 maio 2008b.

UNICA (União da Indústria da Cana-de-açúcar). **Setor Sucroenergético.** Disponível em www.unica.com.br. Acesso em 26 de setembro de 2008

OBSERVATÓRIO DO SETOR SUCROALCOOLEIRO. **Indicações.** Disponível em www.observatoriodacana.org. Acesso em 2 de outubro de 2008